



SEMANA DO ESTUDANTE

11 a 17 de agosto

**Educação libertadora como
potência para a decolonialidade.**
Iluminação Bíblica: Fala com sabedoria e ensina
com amor (Pr 31,26)

Realização:



SEMANA DO ESTUDANTE (SdE)
11 a 17 de agosto de 2022.

**TEMA: Educação libertadora como
potência para a decolonialidade.**

**ILUMINAÇÃO BÍBLICA: “Fala com
sabedoria, ensina como amor.” (Pr
31, 26)**

**PASTORAL DA JUVENTUDE DO
MEIO POPULAR – PJMP
PASTORAL DA JUVENTUDES ES-
TUDANTIL – PJE
PASTORAL DA JUVENTUDE RU-
RAL – PJR
PASTORAL DA JUVENTUDE - PJ**

CRÉDITOS

FILIPE XAVIER

**Secretário nacional da
Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP**

MICHELLE GONÇALVES

**Secretária nacional da
Pastoral da Juventude – PJ**

ANA CAROLINA SOARES

**Assessora Nacional da
Pastoral da Juventude Estudantil - PJE**

JOSÉ DIONES LOPES

**Secretário nacional da
Pastoral da Juventude Rural - PJR**

EQUIPE DE COLABORAÇÃO E PRODUÇÃO

João Filipe Santos da Silva Xavier - PJMP, Cláudia Aparecida Weinman - PJMP, Camila Beatriz Spagnol - PJMP, Eliezer Antunes de Oliveira - PJMP, Paulo Roberto Fortes - PJMP, Michelle Gonçalves - PJ, Augusto Andrade - PJ, Aldiceia Costa - PJ, Gabriel Carlos - PJ, Ingrid Sabrina - PJ, Luis Duarte PJ, Celso dos Santos Junior - PJE, José Davi Ferreira Lima - PJR, José Diones Lopes Batista - PJR

EQUIPE DE DIAGRAMAÇÃO / ILUSTRAÇÃO / CARTAZ

Sara Letícia Figueiroa Italiano Costa - PJR PB

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
<u>O QUE É A SEMANA DO ESTUDANTE?.....</u>	<u>6</u>
<u>PARA QUE SEMANA DO ESTUDANTE?.....</u>	<u>6</u>
<u>HISTÓRICO DA SEMANA DO ESTUDANTE.....</u>	<u>7</u>
<u>ATIVIDADES PERMANENTES 2020.....</u>	<u>11</u>
<u>TEXTO TEMÁTICO.....</u>	<u>13</u>
<u>EIXO 01 – TAMBÉM É PRECISO DECOLONIZAR A</u> <u>EDUCAÇÃO.....</u>	<u>14</u>
<u>EIXO 02 - PROJETO DE VIDA E ENSINO MÉ-</u> <u>DIO.....</u>	<u>23</u>
<u>EIXO 03 - EXCLUSÃO DIGITAL NA EDUCA-</u> <u>ÇÃO: UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA É PRECI-</u> <u>SO!.....</u>	<u>42</u>
<u>EIXO 04 - EDUCAÇÃO E SAÚDE MENTAL: O</u> <u>ACÚMULO HISTÓRICO DAS PRÁTICAS COLO-</u> <u>NIZADORAS E O PÂNICO VIVIDO PELOS PO-</u> <u>VOS AMERÍNDIOS CLAMANDO PELA VIDA E</u> <u>TESTEMUNHANDO O NASCER DO CAPITALIS-</u> <u>MO.....</u>	<u>50</u>
<u>EIXO 05 - NÃO DÁ PARA ENCANTAR A POLÍTICA,</u> <u>SEM UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA.....</u>	<u>80</u>
<u>CONTATO.....</u>	<u>86</u>

APRESENTAÇÃO

O ano de 2022 fica marcado pela CF com o tema da educação – urgência em nosso país. Educar para o pensar, para solidarizar-se, para transformar, para humanizar. A semana do estudante deste ano, ao refletir sobre este tema provoca a aprofundar o que entendemos por educação, deoconialidade, cidadania e acima de tudo, qual o lugar o seguidor de Jesus de Nazaré em meio a tudo isso.

Ao instar a rever e avaliar a história marcada pelo colonialismo, fica o convite a uma memória que ensina, a uma “reconciliação reparadora” que nos ressuscita, como afirma o Papa Francisco (Fratelli tutti, 78). Ao refletir sobre a saúde mental surge o apelo do “cuidado” consigo mesmo, com os outros, sobretudo os que estão ao lado. Ao refletir sobre a desigualdade no acesso à educação de qualidade motiva-se a buscar a justiça reconhecendo as boas iniciativas já realizadas e as possibilidades que temos à frente. É preciso agir! É preciso esperar! É preciso caminhar e caminhar juntos! Reencantar a política pela via do diálogo, da justiça e da solidariedade entre todos.

Seja esta Semana do Estudante oportunidade para ensinar e aprender, absorver a sabedoria da vida, ancorada nos valores do Evangelho para que “todos tenham vida”.

COMISSÃO ESPICOPAL PASTORAL PARA JUVENTUDE

O QUE É A SEMANA DO ESTUDANTE?

A Semana do Estudante (SdE) é um momento de reflexão, oração, ação e celebração que as Pastorais da Juventude (PJ, PJE, PJMP e PJR) vivem durante uma semana, de modo especial, para as questões que envolvem educação e as lutas estudantis. A educação é essencial para sociedade como um todo quando o horizonte é a construção da Civilização do Amor, mas é constantemente ameaçada.

Integrando as Atividades Permanentes das PJs, assim como a Semana da Cidadania, a SdE é construída e organizada pelos/as jovens das Pastorais da Juventude e para os/as jovens, de modo que sejam protagonistas dessa construção coletiva, que ocorre anualmente (desde 2003) na semana do dia 11 de agosto, Dia Nacional do Estudante, data que é comemorada em razão da criação dos primeiros cursos de ensino superior no Brasil.

PARA QUE SEMANA DO ESTUDANTE?

“Ou os estudantes se identificam com o destino do seu povo, com ele sofrendo a mesma, luta, ou se dissociam do seu povo, e nesse caso, serão aliados daqueles que exploram o povo.” (Florestan Fernandes)

A Semana do Estudante é comemorada pelas Pastorais da Juventude, e se constrói como uma reflexão coletiva de como ao longo da história do Brasil, poucas foram às vezes em que a juventude pobre, do campo e da periferia, esteve na centralidade da educação brasileira.

O ensino público nesse país do final do século XIX, nunca foi democratizado com as condições concretas necessárias para que a nossa juventude pudesse acessá-lo. É nesse contexto, que construímos a Semana do Estudante para estimular o debate nos grupos de jovens, no que diz respeito, ao acesso e a qualidade do ensino. ao longo desses processos temos refletido de como um projeto de educação pública, democrática e de qualidade são pilares estruturantes da sociedade do Bem Viver. Portanto, muito mais do que comemorar o dia 11 de agosto como o dia do Estudante, nós nos propusemos a exercitar, por meio, da educação popular a construção de uma educação que seja libertadora e emancipadora da nossa juventude.

HISTÓRICO DA SEMANA DO ESTUDANTE

A Semana do/a Estudante ocorre sempre na semana do dia 11 de agosto, que é considerado historicamente o dia do/a estudante. Desde 2003, as Pastorais da Juventude do Brasil organizam atividades a serem realizadas, em âmbito nacional, para celebrar essa data e propiciar maior engajamento dos/as estudantes no que diz respeito às problemáticas de sua escola, do mundo da educação e da sociedade. Várias foram as temáticas discutidas desde que este dia começou a ser comemorado.

Fazer memória é uma característica importante das seguidoras e seguidores de Jesus, pois a memória agradecida, reafirma a esperança e nos situa no tempo histórico e na importância das nossas lutas. É importante lembrar os temas e a profecia histórica das PJs em cada Semana do Estudante, desde de 2003 até aqui... Abaixo, os temas, os lemas, as iluminação bíblica e os eixos trabalhados até então:

2003

Lema: “A beleza de ser um eterno aprendiz”

Eixos: Participação estudantil, cultura e lazer

2004

Lema: “Caminhando contra o vento, eu vou”

Eixo: Protagonismo estudantil, escola espaço de democracia

2005

Lema: “Eu quero paz. Eu quero mudança!”

Eixo: Protagonismo estudantil. Paz: fruto da educação e da justiça social

2006

Lema: “A minha escola tem gente de verdade”

Eixo: Protagonismo estudantil e segurança: garantia dos direitos sociais

2007

Lema: “Há que se cuidar da Vida!”

Eixo: Preservação da (bio) diversidade. Educação e participação estudantil

2008

Lema: “Juventude e o direito à dignidade”

Eixo: Identidade, participação e sentido da vida

2009

Lema: “Juventude em marcha contra violência”

Eixo: Sede de justiça, construção da paz e mobilização

2010

Lema: Juventude: muitas caras, muitas cores em marcha contra a violência. Cultura, nossa terra, nosso sonho

Eixo: Sentido de pertença, valorização e manifestação

2011

Tema: Juventudes Negras e Indígenas

Lema: “Dos tambores e cirandas à luta pela vida”

Eixo: Comunidades de Resistência

2012

Tema: Semana do Estudante: 10 anos sonhando e construindo a Civilização do Amor

Lema: No caminho da História, a opção por uma Educação Libertadora

2013

Tema: Juventude e Educação

Lema: Juventude do Campo e da Cidade: na luta pela educação que queremos!

2014

Tema: Estudantil na construção do Projeto Popular para o Brasil.

Lema: “Eu vou a luta é com essa juventude que não corre da raia à troco de nada”.

Iluminação Bíblica: “Vós sois o sal da Terra e a luz do mundo!” (Mt 5, 13-14)

2015

Tema: Juventude, Escola e Sociedade: Uma Ciranda de Vida

Lema: Democratização da informação em defesa da cultura de paz

Iluminação Bíblica: “Onde está o teu irmão?” (GN 4, 9)

2016

Tema: Juventude e direito à educação

Lema: Educação libertadora constrói nossa Casa Comum
Iluminação Bíblica: “E a Verdade libertará vocês” (Jo 8, 32b)

2017

Lema “Escola democrática: sem lado não dá
Iluminação Bíblica: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição
por causa da justiça” (Mt 5, 10a)

2018

Tema: A nossa escola não é mercadoria!
Lema: Garantia de direitos e promoção de dignidade
Iluminação Bíblica: “Todos os que ouviam a criança estavammaravi-
lhados/as com a inteligência de suas respostas” (cf. Lc 2, 47)

2019

Tema: Nossa escola sem mordança, educação para a liberdade
Lema: “Liberdade, liberdade, és o desejo que nos faz viver” (Liberda-
de – Grupo Magis).
Iluminação Bíblica: “Vivam como pessoas livres, mas não usem a
liberdade comodesculpa para fazer o mal” (1 Pedro 2,16).

2020

Tema: Educação é um direito e não um privilégio!
Lema: A educação é o direito de todas/os e o dever do Estado (CF
88. Ar. 205).
Iluminação Bíblica: “Serás libertado pelo direito e pela justi-
ça” (Isaías 1, 27)

2021

Tema: Centenário de Paulo Freire: Juventudes na luta por uma educação libertadora.

Lema: “Ninguém liberta ninguém. As pessoas se libertam em comunhão.”

Iluminação Bíblica: “Libertou-me, porque ele me ama” Salmos 18 (17); 20

Ao fazer memória desses temas, observamos o quanto as PJs sempre foram e são um rosto jovem da igreja radicalmente comprometido com as diversas realidades e a luta dos e das pobres. Essa profecia e coragem são sinais profundos da opção preferencial que a Igreja na América Latina faz e que as PJs vivem integralmente. Nos conte: O que você sente ao fazer essa memória? Que os outros temas urgentes são importantes que as PJs trabalhem? Nos enviem sugestões nos e-mails que estão na última página.

ATIVIDADES PERMANENTES 2020

Todos os anos as Pastorais da Juventude (PJ, PJMP, PJE e PJR) realizam duas Atividades Permanentes, que são parte de sua ação no cuidado com a vida da juventude, ao modo de Jesus de Nazaré, e do processo de formação integral que desenvolvem com os/as sujeitos jovens. A Semana da Cidadania (SdC) e a Semana do Estudante (SdE), são realizadas como um processo, por isso são organizadas a partir do planejamento das ações das Pastorais no ano e têm os/as jovens como protagonistas.

São realizadas em sintonia com a Campanha da Fraternidade, com o Documento 85 da CNBB – Evangelização da Juventude, com o Projeto IDE da CEPJ, com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil, com o Documento do CELAM – Civilização do Amor: projeto e missão, com o DoCat e com o Documento final do Sínodo dos Bispos sobre juventudes.

As Atividades Permanentes ajudam a compor a agenda, com as motivações e os desafios importantes para as ações pastorais com/dos jovens, no ano. Elas são espaços e oportunidades de formação, conscientização e mobilização.

Em 2022, as Atividades Permanentes apresentam várias formas de estar com Jesus de Nazaré. Neste caso, encontrar com Ele é também encontrar com a comunidade, com o grupo, com a família, com a cultura, com a religião, com as dores do povo, do nosso continente, do planeta, com as lutas, as conquistas e os sonhos dos/as jovens.

Passados dois anos desde o início da pandemia, escrevemos esse material em sintonia com todas as famílias enlutadas. A elas, toda nossa solidariedade e orações.

A construção desse material também está habitada de esperança, pois com o avanço da vacinação e a queda no número de óbitos pela Covid, já vislumbramos em vários estados o retorno das ativi-

dades presenciais dos grupos de jovens. Isso nos alegra imensamente, pois somos o povo do afeto palpável, do carinho, da cultura do encontro.

Este ano, trazemos nosso tema em sintonia com o Grito dos Excluídos, problematizando e discutindo sobre os 200 anos da Independência. Trazemos aqui diversos textos formativos sobre a temática, queremos propor uma reflexão amadurecida e cuidadosa sobre o assunto.

Ao final de cada texto, indicamos músicas, livros e filmes para ajudarem a aprofundar a temática.

Os textos nos ajudam a entender melhor alguns aspectos do tema e podem ser usados em conjunto com outros materiais aos quais tenhamos acesso. Para que a SdC cumpra seus objetivos e seja oportunidade de formação e mobilização, é necessário planejar com antecedência e cuidado as atividades. Podemos começar pelo estudo deste material e de outros que possam nos inteirar do tema, formar parcerias, planejar, realizar e avaliar as atividades e ações.

Esperamos que cada página inquiete e sacuda cada um e cada uma com a certeza da urgência da construção de uma sociedade cada vez mais justa, livre e possível para todas as pessoas.

TEXTO TEMÁTICOS

EIXO 01 – TAMBÉM É PRECISO DECOLONIZAR A EDUCAÇÃO

DINÂMICA DE APRESENTAÇÃO

Dinâmica da Bolinha

Essa dinâmica é daquelas atividades divertidas que alegram o ambiente. Além de auxiliar no processo de apresentação, favorece a memorização sobre as informações que foram compartilhadas. Material necessário: Uma bolinha de tênis, pingue-pongue ou parecida. Reúna o grupo em um círculo e entregue a bolinha aleatoriamente para alguém.

A pessoa que estiver com a bolinha deve se apresentar brevemente. As informações compartilhadas podem ser direcionadas antes do início da dinâmica, de acordo com o objetivo esperado (nome, idade, o que gosta de fazer, etc). Após se apresentar, o participante deve jogar a bolinha para outra pessoa, que vai repetir o processo.

Ao final, quando a última pessoa fizer a apresentação, ela deve voltar a bolinha para o integrante de quem a recebeu. Nesse momento, deverá repetir as informações que o colega havia dito e, assim, seguir com a atividade na ordem inversa.

PROVOCAÇÕES INICIAIS

Passada a dinâmica de apresentação, o coordenador pode fazer questionamentos aos jovens com o intuito de estimular a discussão acerca do tema proposto, bem como entender o que cada jovem pensa sobre o que será questionado.

O que é educação? A educação acontece somente na escola? é somente o professor que pode ensinar ou a gente enquanto juventude aprende ao mesmo passo que ensina? onde buscamos o que aprendemos? existem saberes populares, através da comunidade

que a gente faz parte, dos nossos familiares? Quando ouvimos uma música (quais?) que nos diz alguma coisa, estamos aprendendo com ela? Quando lemos uma poesia, será que isso também faz parte desses saberes que a gente vai aprendendo e que não necessariamente estão dentro da sala de aula?

As discussões levantadas irão dar o tom do diálogo. Neste momento novos questionamentos podem ser trazidos pelos próprios jovens e isso é importante que aconteça. Na sequência, o coordenador deve fazer uma divisão de grupos para a posterior leitura de um texto base sobre as práticas educativas e educação popular, sendo este uma continuidade das provocações realizadas inicialmente. O coordenador deve estipular um tempo limite para a leitura e discussão nos grupos e orienta ainda que ao retornar ao grande grupo os jovens devem fazer uma síntese do que foi lido e discutido.

TEXTO BASE:

As experiências educativas acontecem em todos os momentos da nossa vida e nos mais diversos espaços, por isso é inadmissível pensar a educação como ofício ou tarefa que só a escola é capaz de proporcionar, pois como nos diz Paracelso: “A aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice, de fato quase até a morte; ninguém passa dez horas sem nada aprender” (PARACELSO citado por MÉSZÁROS, 2005; p.47). Isto é, no seio familiar, na escola, nas relações comunitárias, nos espaços formativos de sindicatos, pastorais, movimentos sociais e no chão da fábrica que a educação, também, acontece.

Em relação ao trabalho e organizações sociais enquanto atores educacionais, afirma Caldart (2004) que:

[...] então é possível pensar que o sujeito educativo, ou a figura do educador não precisa ser necessariamente uma pessoa, e muito menos necessariamente estar na escola ou

em outras instituições que tenham finalidades educativas. Uma fábrica também pode ser olhada como um sujeito educativo (Kuenzer, 1985); da mesma forma, um sindicato, um partido (Gramsci), as relações sociais de produção, um movimento social. (Caldart, 2004, p. 320, grifo nosso).

Ora, se o que está sendo discutido são experiências educativas e estas estão, indiscutivelmente, entrelaçadas com a vida dos seres humanos, então podemos afirmar que todas as práticas humanas têm um caráter formador. E nesse sentido as organizações sociais que lutam por terra, justiça e trabalho tem na sua essência o desejo de consolidar uma educação para a liberdade, enfatizando o gosto pela vida, confrontando o sistema capitalista que tudo destrói.

Os movimentos sociais são formas de organização que a população encontra para reivindicar e lutar por melhores condições de vida. Ao mesmo tempo em que esses movimentos de caráter político-social trazem para o debate discussões acerca da sua realidade, também procuram pensar uma educação que não reproduza os valores da classe dominante. Nessa perspectiva, Caldart (2001) diz que:

Ao buscarem reconquistar o direito ao trabalho e à dignidade, estes sujeitos e suas lutas nos ensinam algo mais sobre processos de transformação social, e sobre práticas de educação a eles vinculadas. Os movimentos sociais têm sido espaços de organização destas lutas e de formação destes sujeitos. (CALDART, 2001, p. 209).

De acordo com Gohn (2011):

Nos anos 1970, a relação é bem perceptível nas Comunidades de Base da Igreja (CEBs), com a educação não formal, que naquela época também buscava formar politicamente seus participantes, dando-lhes instrumentos para uma visão crítica do mundo. [...] Nos anos 1980, a relação educação e movimentos sociais se acentua, por meio de trabalhos de educação popular, lutas pelas Diretas Já, organização de propostas para a constituinte e a Constituição propriamente dita. (GOHN, 2011, p. 347).

Compreendendo que a formação humana acontece em todos os espaços, os movimentos populares constroem espaços formativos, que contribuem para que os sujeitos tomem consciência da sua condição econômica, política, social e cultural, bem como, travam há décadas lutas ferrenhas com objetivo de reconfigurar por meios legais a instituição escolar oferecida pelo estado, de modo que não deixe de trabalhar conteúdos gerais e as especificidades da realidade dos povos da terra, das águas e florestas.

Os movimentos de lutas sempre existiram no Brasil. É possível ressaltar a resistência dentro da ditadura-militar, tendo em vista a contribuição da Igreja Católica, entendendo-se aqui a Teologia da Libertação (TdL), a partir das Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs) para conscientizar o povo a partir de uma concepção de educação popular, a qual é construída no diálogo de diferentes saberes, na reflexão sobre a realidade concreta, criando e recriando nas práticas cotidianas novas relações humanas, valorização da cultura, afirmação e reafirmação da identidade de classe. É esta consciência de classe e de si enquanto sujeito histórico que mantêm a juventude na luta, coletivamente, para a construção de uma nova sociedade.

Em relação a esta forma de educação, Paludo (2012) afirma que:

A educação popular, em sua origem, indica a necessidade de reconhecer o movimento do povo em busca de direitos como formador, e também de voltar a reconhecer que a vivência organizativa e de luta é formadora. Para a educação popular, o trabalho educativo, tanto na escola quanto nos espaços não formais, visa formar sujeitos que interfiram para transformar a realidade. (PALUDO, 2012, p. 284).

O movimento de luta da classe trabalhadora também pode ser visto como educativo, contribuindo para a formação da consciência dos sujeitos. Eis aí, como diz Caldart (2001) e Paludo (2012), a educação popular, a qual tem um viés pedagógico e filosófico bem definido, faz uma contraposição à educação do sistema capitalista que pensa apenas em formar mão de obra. Nesse sentido, os movimentos acreditam que não deve ser assim e nas suas práticas pedagógicas enfatizam a vida, a arte, a cultura, priorizando uma formação para o socialismo.

As organizações populares trabalham com teoria/prática, um conceito marxista e freiriano, com base em uma educação para formação humana e solidária, visando a transformação da realidade, por isso, seguem construindo processos educativos para além do espaço escolar/formal, fazendo resistência, reivindicando o direito humano à terra, de praticar sua cultura, sua forma de educação e somam-se na luta para não deixarem-se moldar pela educação oferecida pelo Estado, impregnada de valores que tem como objetivo a reprodução da sociedade capitalista.

Música: CHEGANÇA - Antônio Nóbrega - Ao retornar ao grande grupo o coordenador pode utilizar a música como apoio.

SÍNTESE DAS DISCUSSÕES

Este é o momento em que cada grupo poderá relatar o que foi dis-

cutido, falar o que entendeu do texto base e vincular com as provocações iniciais. Ao terminar a síntese por parte dos grupos, o coordenador deve construir uma fala buscando englobar e ressaltar os postos-chaves da discussão, e procurar amarrar a fala com o gesto concreto.

GESTO CONCRETO

Se encaminhando para o final do encontro o gesto concreto é o momento para assumir a responsabilidade da luta que esta pastoral carrega historicamente. Por isso o coordenador deve enfatizar em sua fala a necessidade da juventude estar organizada e mobilizada perante as desigualdades e injustiças sociais, instigando aos jovens a assumirem o compromisso com a vida fazendo parte da Pastoral da Juventude do Meio Popular.

Segue sugestão para construção da fala do coordenador:

A PJMP surge em Olinda-PE, no ano de 1978, defendendo todas as bandeiras de lutas históricas da sociedade, e com a bandeira específica de contribuir na resistência e luta da juventude do meio urbano contra o extermínio da juventude pobre, negra e periférica. As problemáticas que os jovens do meio popular enfrentaram e, ainda, enfrentam decorrem das injustiças que sofrem desde 1500 até os dias atuais, tendo sua origem, partindo da compreensão de Stédile (2012), em pelo menos dois momentos históricos, com a Lei de terras nº 601 de 1850, a qual regulamentou a terra como uma mera mercadoria de negócios, impossibilitando o acesso da população escravizada, que após muita pressão e revolta por causa de suas condições de vida e trabalho, conseguiu sua “libertação” com a promulgação da Lei Áurea nº 3.353 de 1888, no entanto, sem saber onde morar e como ter

alimentação, foram se refugiando nos morros localizados às margens das cidades; e, posteriormente, em 1930, rompe-se com o modelo agroexportador, prevalecendo o modelo de industrialização e urbanização, sendo possível citar pelo menos dois momentos: o período do Governo de Getúlio Vargas (1930 - 1945) e o período da Ditadura-Militar (1964 - 1985) que contribuíram fortemente para o processo do êxodo rural brasileiro.

Motivados pela Teologia da Libertação, a juventude compreende que seguir o evangelho nessa concepção teológica é antes de qualquer coisa compreender que o legado de Cristo foi não ser subserviente, repudiar toda forma de opressão, pregar a partilha e a união, construindo, a partir das CEBs, espaços de integração entre os jovens da zona urbana dos mais variados contextos, para dialogar e fortalecer a luta em defesa da vida.

SUGESTÕES DE MATERIAIS:

Utopia - Eliezer Antunes de Oliveira

Ela existe
Ela resiste
Nos faz acreditar.

Ela seduz
Ela conduz
Nos faz caminhar.

Ela é esperança
Deixada de herança
Para quem ousa lutar.

- Brasil - Paulo Roberto Fortes

Brasil
Uma índia te pariu
Estuprada
Pelo branco doentio

Brasil
Oh pátria amada idolatrada
De história marcada
Ensanguentada

Brasil
Um povo heroico
E unido
Seus negros desnutridos

Brasil
De paisagens tão belas
Cristo, Copacabana
Sangue nas favelas

Brasil
De amor e carinho
Abraços e sorrisos
Mas só se não for neguinho

Brasil
De história repetida
Com as mesmas gentes
Perdendo a vida

Brasil

De tortura e torturadores
Que sentem prazer
Com nossas dores

Brasil
De preconceito estampado
Contra índio, negro, mulher
Gay e favelado

Brasil
De uma falsa abolição
De escravos e senhores
Empregados e patrão

Brasil
Sua história é manchada
Tu és fruto
Daquela índia estuprada.

- Mestiço - Pedro Pinheiro Trovador
Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=YAPQvhTU-pE4>

REFERÊNCIAS

- BRASIL. LEI Nº 601, DE 18 DE SETEMBRO DE 1850. Dispõe sobre as terras devolutas do Império. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L0601-1850.htm>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.
- BRASIL. LEI Nº 3.353, DE 13 DE MAIO DE 1888. Declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1888-1994/leis_3353.html>.

gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3353.htm>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

- CALDART, R. S. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. Estudos Avançados, vol.15, nº 43, São Paulo: Set/Dec, 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142001000300016>>. Acesso em 22 de jun. 2022.
- CALDART, R. S. Pedagogia do Movimento Sem Terra. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: ANPEd, v. 16, n. 47. 333-361. maio-ago., 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- MÉSZÁROS, I. A educação para além do capital. São Paulo, Boitempo Editorial, 2005.
- PALUDO, C. Educação popular. In: CALDART, R et al (Orgs.) Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012. p. 284.
- STÉDILE, João Pedro. A questão agrária no Brasil: O debate na esquerda. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

EIXO 02 - PROJETO DE VIDA E ENSINO MÉDIO

TEXTO BASE

A escola tem perante a sociedade um papel indispensável na construção do convívio, evolução e é desenvolvido de maneira sistemática e reprodutiva, abortando significativamente a espontaneidade e protagonismo dos agentes e realidades que compõem tal processo. Propor uma escola que dialoga com a realidade se apresenta como o grande desafio da prática educativa, sendo este exercício um fomento indispensável para aquilo que aqui buscamos compreender como prática

educativa autônoma e emancipadora.

O ambiente escolar precisa proporcionar aos seus alunos uma condição de autonomia, criticidade e oportunidades que dialoguem essencialmente com suas respectivas realidades. Possibilitar a construção de um projeto de vida a partir do ambiente escolar, uma estrutura dialógica de acolhimento e descentralização de conteúdos curriculares, onde o aluno possa ser sujeito de sua própria história e que seu crescimento possa partir da vivência cotidiana, com conhecimentos interdisciplinares e correlacionados aos seus sonhos, objetivos, e inserção social. Faz-se necessário contextualizar com propriedade o perfil do aluno-jovem que ali se coloca no processo de ensino-aprendizagem, essencialmente o jovem conecta-se com a realidade, enquanto a escola atual conecta-se a um modelo ‘‘ideal’’ de formação. Essa contradição dialógica implica num choque de interesses entre as partes, e que tem por resultado a negligência para com os alunos e seu projeto de vida.

É bem verdade que a juventude necessita de um horizonte, sendo esta sinônimo de caminho, mudanças, e espontaneidade, contudo não pode ser a escola a impositora de seu destino, selando seu caminho e escolhas sem ao menos considerar os múltiplos fatores que se implicam na particularidade de seus alunos. Projetar a vida a partir do ambiente escolar é tornar o aluno portador de sua própria história, de suas escolhas, em um caminhar que dê sentido a sua existência, que valorize sua humanidade, sendo a escola parte desse processo na qual assume o papel de auxiliar a organização desse caminho. O projeto de vida no ambiente escolar deve ser considerado o componente de maior importância no desenvolver do processo pedagógico, com metodologias alternativas e complementares que dialoguem para com as diversas realidades e cenários

educativos. Problematizar a estrutura escolar, os currículos, as realidades juvenis e as possíveis soluções, é realizar de maneira cooperativa uma análise aprofundada e pontual na prática educativa, estando consciente de sua inter-relação com o meio social em geral e suas múltiplas faces.

Esta reformulação precisa alcançar outras dimensões inexploradas do universo do jovem aluno, tais como, as dimensões existenciais, afetivas, e de integração com a sociedade. São múltiplas as oportunidades que o jovem aluno pode abraçar, contudo, faz-se necessário conduzir por meio dos currículos e práticas educativas o acesso real de tais possibilidades. Elaborar uma proposta pedagógica a partir de um caminho com etapas sequenciais e complementares, surge como uma alternativa de auxílio organizativo para desenvolver metodologicamente o processo de construção do projeto de vida no ambiente escolar. Todavia, este processo não pode soar como uma cartilha de recomendações que precisará ser seguida obrigatoriamente por educadores e educandos, mas, como um direcionamento a nortear o processo.

Compreendemos a eminente necessidade de tornar o ambiente escolar um espaço dialético que proporcione o aluno a investigação, o questionamento, a tomada de consciência, e sua inserção na construção de uma sociedade correspondente a sua realidade, sonhos e objetivos. É no projeto de vida que contempla para além das obrigações formativas que encontramos, um caminho de possibilidades abrangentes para tornar a educação mais acessível, inclusiva e diversificada. O jovem no auge de sua autonomia, liberdade e independência, confere ao mundo um significado único e particular, pautado em suas experiências e que estabelece o sentido de seu ca-

minhar, das suas relações, e de sua inserção. Neste caminhar intenso e plural o jovem adequa-se ao seu momento atual de vida, e com isso compreendemos que não se pode modular um caminho exato em precisão da maneira como deverá o jovem proceder. Na contramão do ‘‘plano perfeito’’ o jovem vivência situações de extrema contradição na sua construção enquanto agente social e em seu processo de amadurecimento que se evidencia nesta fase de transição para a vida adulta. Este processo proporcionará ao jovem o crescimento justamente a partir do caminhar, tendo esse caminhar a necessidade de ser assessorado com excelência, mas sem imposições ou sua construção sendo realizada a partir das mãos e impressões de outros, pois é no protagonismo juvenil que leva a descoberta que o jovem fará a sua transição para a vida adulta conquistando assim o seu amadurecimento.

QUESTÕES GERADORAS

- Quais as implicações da orientação de um projeto de vida sem considerar as realidades em que o/a está inserido, dentro do processo de decolonialidade para a sociedade?
- Quais estratégias podem ser adotadas para que o ambiente escolar seja comprometido com o Projeto de vida do jovem?

DINÂMICAS

Consciência com ação.

Desenvolvimento: Cada participante se apresenta: “Eu sou uma rua, uma avenida, um bosque, uma praça assim... (com muitas árvores, local alegre e cheio de crianças...) e me chamo... (nome do participante)”.

Após a apresentação oral de todos, cada um escreve o que esse lugar (rua, praça ou bosque) quer dizer para o mundo. (Fundo Musical).

Exemplo:

A rua ...quer dizer ao mundo:

“Chegam até mim pessoas verdadeiras, alegres, sábias e humanas. Que eu possa sempre acolher você e fazê-lo crescer, como tantos me fazem.”

Enquanto cada participante lê o quer dizer ao mundo, o animador re-dige pontos marcantes dos textos lidos formando uma mensagem do grupo. Elege-se um título. Exemplo: “Nós somos assim... quem quer nos acompanhar?”

Enriquecimentos para as reflexões no grupo:

- Maneira descomplicada de entender o outro.
- É preciso ter simplicidade (O que eu transformei em necessidade? O que eu transformei em desejo?)
- A responsabilidade é essencial. (Caminha junto com a liberdade)
- Ninguém viu um átomo, assim como ninguém viu a alma e, no entanto, as grandes energias estão presentes; às vezes nas menores partículas.

Ser um profissional, qualquer um pode ser, porém, tornar-se um grande profissional e uma grande pessoa é o grande DESAFIO!!!

OFÍCIO DIVINO DA JUVENTUDE

Amados/as jovens. Apresentamos essa proposta de Ofício Divino da Juventude para rezamos e refletirmos juntos sobre Projeto e Ensino Médio na certeza que a Educação Libertadora é potência para a decolonidade.

- Chegada - Silêncio – Oração Pessoal
O nosso olhar se dirige ao Cristo,
Os nossos olhos repousam em Jesus.
- Abertura
- Estes lábios meus, vem abrir, Senhor!

Conte esta minha boca sempre o teu louvor!

- Venham, adoremos, Cristo ressurgiu!

A criação inteira, o Senhor remiu!

- Céus e terra dancem de tanta alegria!

Deus com sua justiça nos governa e guia!

- Glória ao Pai e ao Filho e ao Santo Espírito. (bis)

Glória à Trindade Santa, glória aos Deus bendito! (bis)

- Aleluia, irmãs, aleluia, irmãos! (bis)

Com a educação, a Deus louvação! (bis)

- Recordação da Vida

Neste momento somos convidados/as partilhar nossos saberes e impressões sobre Projeto de Vida e o Ensino Médio. As perguntas abaixo podem nos ajudar a dialogar:

- Como é a realidade do Ensino Médio na minha cidade?

- Como as Escolas de minha cidade estão abordando a temática de Projeto de Vida?

- Quais as possibilidades ou impossibilidades de falarmos de Projeto de Vida no Ensino Médio?

- Hino

A partir de nossas partilhas sobre projeto de Vida, cantemos “Coração de Estudante” que nos convida a cuidar da vida.

Coração de Estudante – Milton Nascimento

Quero falar de uma coisa

Adivinha onde ela anda

Deve estar dentro do peito
Ou caminha pelo ar
Pode estar aqui do lado
Bem mais perto que pensamos
A folha da juventude
É o nome certo desse amor.

Já podaram seus momentos
Desviaram seu destino
Seu sorriso de menino
Quantas vezes se escondeu
Mas renova-se a esperança
Nova aurora a cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê flor e fruto.

Coração de estudante
Há que se cuidar da vida
Há que se cuidar do mundo
Tomar conta da amizade
Alegria e muito sonho
Espalhados no caminho
Verdes planta e sentimento
Folhas, coração, juventude e fé.

- Salmo 85 (84)

Cantemos ou rezemos a certeza do Senhor que caminha com os estudantes, em busca de Projetos de Vida que façam sentido e que sejam decoloniais.

Aos caminhos de Deus vamos todos, terra boa de se caminhar

Deus-conosco, seu nome mais lindo, entre irmãos vamos todos cantar.

1. Foste amigo, antigamente, desta terra que amaste, deste povo que escolheste; sua sorte melhoraste, perdoaste seus pecados, tua raiva acalmaste.

2. Vem, de novo, restaurar-nos! Sempre irado estarás, indignado contra nós? E a vida não darás? Salvação e alegria, outra vez, não nos trarás?

3. Escutemos suas palavras, é de paz que vai falar; paz ao povo, a seus fiéis, a quem dele se achegar. Está perto a salvação e a glória vão voltar.

4. Eis: Amor, Fidelidade vão unidos se encontrar, bem assim, Justiça e Paz vão beijar-se e se abraçar. Vai brotar Fidelidade e justiça se mostrar.

5. E virão os benefícios do Senhor a abençoar; e os frutos do amor desta terra vão brotar, a justiça diante dele e a paz o seguirá.

6. Glória ao Deus do universo, ao que vem, glória e amor. Ao Espírito cantemos; sua ternura se mostrou, ao Deus vivo celebremos a alegria do louvor.

- Leitura Bíblica

Aclamação: Desça como a chuva a tua Palavra, que se espalhe como orvalho,

como o chuvisco na relva, como o aguaceiro na grama. Amém! (Cf. Dt. 32,2)

Leitura Bíblica: “Fala com sabedoria e ensina com amor” Pr 31,26

- Meditação / Partilha / Silêncio

1 – Olhando para a realidade do Ensino Médio em minha cidade o que é preciso alterar para garantir que a educação seja processo libertador, de amor e com sabedoria?

2 – Como o Projeto de Vida, trabalhado no contexto do Ensino Médio, pode ser de sabedoria e amor?

- Preces

Irmãos e Irmãs, rezando a realidade do Ensino Médio de nossa cidade e refletindo sobre Projeto de Vida nesse contexto rezemos:

Escuta-nos, Senhor da vida!

- Ajuda-nos Senhor, a construir uma educação libertadora que potência para a decolonialidade;

- Ajuda-nos, Senhor, a luta por processos educativos que sejam vividos com sabedoria e amor;

- Ajuda-nos, Senhor, a lutar por um Ensino Médio que produza vida e sentido para as juventudes;

- Ajuda-nos Senhor a enfrentar as influências do capitalismo no Ensino Médio;

- Ajuda-nos Senhor a construir e viver Projetos de Vida iluminados pelo teu Evangelho;

Preces espontâneas

- Pai-Nosso

- Oração da CF 2022

Pai Santo, neste tempo favorável de conversão e compromisso,
dai-nos a graça de sermos educados pela Palavra que liberta e salva.

Livrai-nos da influência negativa de uma cultura em que
a educação não é assumida como ato de amor aos irmãos
e de esperança no ser humano.

Renovai-nos com a vossa graça para vencermos o medo, o desânimo e
o cansaço,

e ajudai-nos a promover uma educação integral, fraterna e solidária.
Fortalecei-nos, para que sejamos corajosos na missão de educar para
a vida plena em família, em comunidades eclesiais missionárias, nas
escolas, nas universidades e em todos os ambientes.

Ensinai-nos a falar com sabedoria e educar com amor!

Fazei com que a Virgem Maria, Mãe educadora, com a sabedoria dos
pequenos e pobres,
nos ajude a educar e servir com a pedagogia do diálogo, da solidarie-
dade e da paz.

Por Jesus, vosso Filho amado, no Espírito, Senhor que dá a vida.
Amém.

- **Benção**

Que a terra abra caminhos sempre à frente dos teus passos.

E que o vento sopra suave os teus ombros.

Que o sol brilhe sempre cálido e fraterno no teu rosto.

Que a chuva caia suave em teus campos.

E até que nos tornemos a encontrar.

Deus nos guarde no calor do seu abraço.

E até que nos tornemos a encontrar.

Deus nos guarde, Deus nos guarde em seu abraço.

Amém! Axé! Aweré! Aleluia!

- **Saideira**

Encerrando este ofício, cantemos o desejo de Utopia, ou seja, o de-
sejo de Projetos de Vida que sejam geradores de vida para todas as

juventudes.

Utopia – Milton Nascimento

Quero a utopia, quero tudo e mais
Quero a felicidade dos olhos de um pai
Quero a alegria muita gente feliz
Quero que a justiça reine em meu país
Quero a liberdade, quero o vinho e o pão
Quero ser amizade, quero amor, prazer
Quero nossa cidade sempre ensolarada
Os meninos e o povo no poder, eu quero ver
São José da Costa Rica, coração civil
Me inspire no meu sonho de amor Brasil
Se o poeta é o que sonha o que vai ser real
Bom sonhar coisas boas que o homem faz
E esperar pelos frutos no quintal
Sem polícia, nem a milícia, nem feitiço, cadê poder?
Viva a preguiça, viva a malícia que só a gente é que sabe ter
Assim dizendo a minha utopia eu vou levando a vida
Eu viver bem melhor
Doido pra ver o meu sonho teimoso, um dia se realizar

ANEXOS

Manifestação e Acolhida: Reflexões de aniversário

12 de maio de 2011

Podemos dizer que o dia do nascimento é o dia da nossa “manifestação”, embora nos tivéssemos “manifestado” já antes, no ventre materno, nem sabendo mais como... Sem sermos vistos, éramos visíveis, através da mãe. Éramos olhados. Claro que, hoje, já nos olham antes,

crescendo na total dependência, e até tiram fotos nossas, preparando-nos para nos manifestar. Já sabem se somos isto ou aquilo e ficam esperando o dia em que nos “manifestaremos”.

“Nascer”, manifestando-se, é sair, pela energia da natureza, da dependência agradável do carinho de quem nos ama. “Nascer” é uma aventura para a qual ninguém nos pediu permissão. Ninguém pode dizer que nasceu porque quis. É duro, desconfortável, ameaçador “nascer”. Além de chorarmos, as pessoas se alegram quando nascemos e choramos. “Nascer” é um presente que somos obrigados a aceitar... Um dom que nos é dado – dizem – com jeito amoroso e divino. Se não for assim, quanto fundamento a ser reconstruído! Sempre nos horrorizamos com o desespero de Jó dizendo morra o dia em que nasci e a noite em que se disse: um menino foi concebido (Jó, 3.1).

Em todo o caso, desde o começo, esperam de nós uma resposta e nem sempre as respostas são agradáveis. Nascemos renunciando... Sempre, desde o começo, estamos diante de uma proposta de amor. A vida, enfim, se resume numa resposta a uma proposta. “Deus soprou-lhe nas narinas... e ele/a tornou-se um ser vivente” (Gn 2,7), porque ser vivente era bom. A árvore da vida “estava no meio do jardim” (Gn 2,9), não na periferia. A vida está não está em cima nem em baixo; ela está no centro porque no centro está Deus. “Eu lhe propus a vida ou a morte. Escolha, portanto, a vida” (Dt 30, 19).

Como é bonito ver, descobrir, degustar que a liberdade não se compreende fora da geografia do dom. Depois da ressurreição sabemos que a vida é mais do que um sopro. O sopro de Deus foi um convite para a eternidade. Como diz o sofrido e o esperançoso Jó, o sopro de Deus que me criou, me deu vida (Jó 33,4). É preciso descobrir, pois, que na sabedoria dessa aceitação, é que se encontra a vida.

Contudo, não podemos ficar na “vida da gente”. A vida é um horizonte porque, como diz o Evangelho, “quem procura conservar

a própria vida, vai perde-la. E quem perde a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la” (Mateus 10, 39). Não sei se estou conseguindo viver isso, mas é uma verdade que me comanda há muito tempo. Ser vida, nascer, é nascer para a alegria e o gozo dos outros. O Evangelho também diz que “quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la” (Mateus 16,25). Lucas fala de preservar. Lemos, por isso, igualmente, Jesus “veio para servir e para dar a sua vida como resgate” (Marcos, 10, 45). Fico perguntando-me, por isso, o que é ter um projeto de vida, o que é uma causa? Uma vida que não seja doada não é vida.

Neste dia de minha “manifestação” gostaria de dizer que estou gostando de viver. Agradeço a Deus e a todos que me estão dando essa chance. Fico pensando na família que foi nosso primeiro ninho, mas que é preciso abandonar, por vezes amando de longe, espiando pelos mais variados sentimentos. Fico pensando nos educadores/as que, com seu jeito de pelicanos/as, sempre procuraram dar-se da melhor forma para que a vida nos sorrisse. Fico pensando nas “instituições” onde vivi, trabalhei, sonhei, pelejei e ri. A gente recebe e deixa parte de nós em muitos espaços. Gostaria de “agradecer”, por isso, a acolhida que tive. Embora a vontade nossa seja de acolher, somos mais acolhidos que acolhedores. Por isso teremos certamente a eternidade para nunca acabar de agradecer. É que a “manifestação” não existe sem “acolhida”.

A todos e todas, o meu simples, solene, sincero, alegre, animado, vibrante, humilde, gostoso, humano agradecimento à VIDA que borbulha, borbota, acachoa e marulha nos 74 anos que inicio acompanhado dos cuidados de vocês.

A todos e todas, o meu simples, solene, sincero, alegre, animado, vibrante, humilde, gostoso, humano agradecimento à VIDA que borbulha, borbota, acachoa e marulha nos 74 anos que inicio acompanhado dos cuidados de vocês.

A beleza e o mistério de nascer de novo
10 de maio de 2009 - Dia das Mães

Há coisas muito bonitas escritas, cantadas, filmadas, choradas e um monte de outros verbos que celebram, recordam, agradecem e um monte de outros verbos que se referem ao aniversário das pessoas. Há, também, coisas horríveis que falam do nascimento. Olho, então, assustado, para Jó, amaldiçoando o dia de seu nascimento. “Morra o dia em que nasci e a noite em que se disse ‘Um menino foi concebido’. Que esse dia se transforme em trevas; que Deus, do alto, não cuide dele e sobre ele não brilhe a luz” (Jó, 3, 34). Que dor mais profunda! Que desespero mais trágico!

Começando a viver meus 72 anos gostaria de dizer uma coisa simples: envelhecer é aprender a nascer! Afirmam que “nascer” não é fácil, não é agradável. É como uma flor linda com muitos espinhos... Não sei se é heresia, mas estou iniciando a navegar no aprendizado do nascer. Aliás, não é de agora; de agora é a consciência que nasce de um corpo que suspira por algo melhor porque fomos feitos para o melhor. Chamamos isso de utopia do Reino de Deus; chamamos isso de plenitude de vida. Quero dizer, com muita humildade, que a plenitude está mais próxima.

De vez em quando passeio pelas fotos de meus irmãos e irmãs. Todos mais próximos, visivelmente mais próximos da plenitude. E então fico pensando no que poderia significar aprender a nascer. Mesmo que não seja pai, consigo imaginar e perceber a alegria que traz uma nova vida. Tudo se resume em festa. Se há choro, é choro de alegria.

Parece que todos, ao redor, estão nascendo também... Com o idoso que vai nascendo, contudo, a paisagem parece outra. Como se o por de sol não fosse também um nascer de novo. Ou, por acaso, a noite não faz parte do dia? Para falar de “tempo” não contamos as noites, contamos os dias... Estranho, por isso, que tenhamos que aprender a nascer de novo.

Parece que nos ensinaram a não nascer quando, de fato, todos os dias são um renascer. A gente se levanta, estica o corpo, toma um banho, faz a barba (ou aquilo que as mulheres fazem...) e tudo começa de novo. Na maioria das vezes com pressa porque a vida chama, isto é, o nascer de novo é uma ordem que todos esperam que seja de amor. Nem sempre a gente se dá conta da profundidade de um “bom dia”. Poderia ser, também, um bom renascer. Os jovens gostam da noite. É que a noite nos faz lembrar que nossa vocação é a vida. E as coisas bonitas se rodeiam de mistérios... Tatear na noite é tatear na vida. É que a vida precisa ser procurada; precisa ser descoberta, mesmo que ela esteja dentro de nós. As trevas escondem muita vida...

A criança dorme muito porque, no comecinho do nascer de novo, o nascer e o renascer se misturam. E a mãe e os irmãos e os adultos vão tentando transmitir o que é esse tal de renascer que se esconde no horizonte. E a criança pula de alegria porque adivinha que o caminho para lá não é longo. “É logo ali...” diz ela, com as mãozinhas sacudindo com a descoberta que vai tendo, sem os adultos entender nada. É que mora em nós a tentação de não querer chegar. Não querer chegar não faz bem para ninguém. Por isso a importância profunda do aprender a nascer. Mas aí me pergunto: a gente nasce ou a gente renasce? Estou querendo convencer-me que as duas são a mesma flor.

Fico olhando os adolescentes e jovens. Para eles o nascer é tão bom que afastam para bem longe a possibilidade de nascer de novo. Vivem como se o que estão vivendo e a forma como estão vivendo

fosse eterno. Não gostam de cerimônia de nascer de novo, por isso Deus nos livre de velório, de cemitério e, até, de velho. Que beleza viver como se não houvesse amanhã... Enchem o mundo de sorriso e de festa porque é fantástico ter nascido. Quando um deles inventa de nascer de novo, eles ficam tristes porque não compreendem que o nascer possa ter fim. E choram... Mas choram – com muita razão – sem muita convicção. Quando olho para a juventude fico querendo me enganar porque é o diabo escondendo a bonita possibilidade do nascer de novo. Com muita verdade os jovens se enfeitam porque nascer é bom, mas correm o perigo de não se lembrar que a utopia que mora neles está apontando para o horizonte do nascer de novo. Por que seria necessário aproveitar a juventude? É que o nascer de novo – no pensamento deles – o nascer de novo não pode ser mais bonito que o nascer. É uma das lindas ilusões que Deus colocou no coração da vida: amar tão intensamente que o nascer de novo pareça não ser necessário. É o que chamamos de tesão pela vida.

O adulto já fica mais desconfiado porque, com muita resistência, começa a perceber que isso mais aquilo, aqui e acolá, tudo está ficando mais velho. Não se convence, contudo, que o horizonte esteja gritando que é preciso nascer sempre, de novo. E o adulto se amarra a si mesmo e às coisas. Fica um conservador. Não gosta mais do imprevisto e da novidade. Até começa a olhar os mais jovens com um disfarçado ciúme e começa a dizer que “sou jovem de espírito”... Puro engano! Pura inconsciência que somos feitos para sempre nascer de novo. E tratam de acumular coisas e convicções porque há um perigo rodeando a querência da vida. O corpo, sim, o corpo não pode ser abandonado à degenerescência. Quando alguém nasce de novo, o adulto já chora com mais convicção. O mistério do nascer de novo, isto é, o horizonte do nascer de novo, parece que se vai aproximando. Ele parece ver que o horizonte não se afasta mais. E isso o angustia, incomoda e até começa a rezar mais. É o medo do nascer

de novo...

Fico, então, a contemplar o/a idoso/a. O/A idoso/a é alguém que quase pisa no horizonte. O/A idoso/a gosta de olhar para trás não porque o nascer foi feio, mas porque o nascer foi bonito. Resiste um pouco para olhar o horizonte porque ele está tão perto que ficou misterioso. É que no nascer de novo você tem que largar a placenta que o envolve e os olhos ficam cheios de nuvens. Aprender a nascer de novo é decifrar o mistério das nuvens. Parece, até, que o horizonte está entrando dentro dele... E ele fica desconfiado com esse novo inquilino. Alegra-se muito quando começa a achar que entende de ressurreição. Só bem devagarzinho vai descobrindo que ao nascer de novo não se pode racionalizar; o nascer de novo a gente vive. Dor aqui, dor acolá, dúvidas do tamanho de montanha e certezas da profundidade do mar. Uma mistura. O nascer de novo é uma mistura.

São algumas coisas que me dizem meus novos 72 anos. O mais bonito, no entanto, é que fui levado a pensar nestas coisas no Dia das Mães. Fiquei pensando, até, que o Dia das Mães poderia ser o padroeiro do nascer de novo porque a Mãe é o lugar onde o nascer começa e onde o nascer de novo fica no horizonte mais escondido. Por isso a beleza e o mistério do Dia das Mães. A mãe é o lugar onde começamos a perceber que existe horizonte e que o horizonte é coisa que não termina. Deus poderia ter-nos dito que no céu também tem horizontes, mas isso ele deixou para as nossas eternas descobertas.

Os desejos de Natália

Tenho uma afilhada de nome Natália, nascida no dia de Natal. Ela nasceu no Rio de Janeiro e agora é jovem, morando em outro “planeta”. Quando falo “planeta”, não quero dizer que morreu, mas que mora longe. Esta afilhada aproximou-se de mim dizendo que sonhava ter três coisas. No espírito de Natal que nos movia, pedi-lhe que ar-

rancasse do mais profundo de seu jeito de ser seus três pedidos. Um pouco sem jeito, ela começou:

- Tio, quero ter uma Belém...

Olhei para ela e me perdi em devaneios. “Belém?” Belém é periferia, é coração de pobre. Lembrei-me daquela reza de Jesus: “Eu te louvo, ó Pai, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos” (L 10, 21). Ser da periferia é ser de todos. Sim, para ser de todos é preciso ser da periferia...

- Tio, quero ter uma Belém...

Fui levado, então, para um cenário onde muitos jovens navegam na época de Natal: a encenação do nascimento de Cristo. Vejo Natália encenando este nascimento. Ela é a Maria para a qual não tinha lugar. “Ter Belém” é ser tão pequena que é escolhida por Deus para Ele nascer nela. Deus nascendo para dar sentido... Natália nascendo para abraçar a vida, sendo ela mesma e sonhando ser de todos.

- Quero ter uma Belém...

Minha afilhada olhava, sem perder a paciência. Dei-lhe, então, a Belém da periferia, abraçando sua história, com vontade de ser ela mesma e de todos. Percebi que ela vibrava com meus devaneios.

- Tio, quer ouvir meu segundo pedido?

- Por que não? Mas que seja do fundo de teu coração de jovem.

- Acho que é. O segundo pedido é ter uma Gruta.

- Uma Gruta? Deixa pensar um pouco...

“Gruta” é acolhida, família, grupo, aconchego. Tem sentido. É Natália - no seu jeito jovem e sem vergonha de ser - querendo encontrar “casa”, identidade, onde não conta o que se aparenta mas o que se é. Compreendi, então, as muitas lágrimas que jovens e velhos, disfarçam na época do Natal. A afilhada quer ser como Jesus: armar sua barraca no aconchego, onde todos tenham a desfaçatez de ser irmão e de ser irmã. Disfarcei minha emoção e fiquei pensando no Verbo que se fez carne, no divino que armou sua barraca no meio de nós. Deu vanta-

de de ler o começo do Evangelho de João.

- Quero ter uma Gruta...

Vi, por um momento de eternidade, em Natália, a juventude querendo ter e ser aconchego. A “gruta” é o grupo, é a comunidade, uma das grandes descobertas das Natálias. E Natália se fez gruta, se fez aconchego.

Natália, eu te dou a gruta que queres, mas não te esquece da gruta que és convidada a ser, não só agora; durante toda a tua vida. Recebe, pois, a gruta dos teus sonhos.

Enquanto Natália olhava o presente que havia recebido, pensei que ela se tivesse esquecido do terceiro pedido. Jovem, quando quer...

- Tio, vale expressar o terceiro pedido?

- Como já disse: que seja do mais íntimo de ti mesma.

- Te garanto! O terceiro pedido é o mais desejado.

- E tu achas que posso satisfazer esse teu desejo?

- Não você, mas aquilo que imagino morando em você.

- Diga logo!

- Tio, eu quero ter uma Estrela...

Num rompante, pensei tanta coisa... “Estrela”... Viajei para as planícies de Belém, vi os Magos seguindo a estrela, viajei para outros mundos de estrelas. Estrela é esperança e Natália, jovem, quer ter uma Estrela. De fato, o último pedido é o mais pesado... Lembrei-me, então, do velho Pedro dizendo que precisamos “estar sempre prontos a dar a razão de nossa esperança a todo aquele que nos pede” (1 Pedro, 3,15). Olhei Natália esperando uma resposta. Ela quer uma Estrela...

- Tio, não vai dizer que está difícil...

- Natália, as estrelas parecem estar em crise, mas para jovens como você, a esperança sempre existe. A Estrela que tu queres apresentar uma só condição: não vais encontrá-la sozinha. Vais encontrá-la na organização.

- Ai, tio...

- Sim, a estrela que queres está no fundo de teu baú. Abra-o de novo. Vais ver que naquela papeleta orientativa está escrito: “o segredo da estrela: andorinha isolada não encontra verão”... Ter Estrela é ter grupo, é ter organização, é... comer esperança na mesa do coletivo. Acho que entendi. Por isso que Natal no coração da gente é coisa de Deus. Até diria que é coisa de jovem, sempre nascendo de novo. Mundo destes três pedidos, quero desejar a todos e todas um fantástico espírito de Natal. Só pude dizer “Amém”.

EIXO 03 - EXCLUSÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO: UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA É PRECISO!

TEXTO BASE

A exclusão digital é um fenômeno sociocultural que ultrapassa a questão do não acesso à tecnologia digital, mas refere-se a falta de domínio e autonomia para o uso das tecnologias digitais e da capacidade de buscar e selecionar informações que levem a construção de conhecimento, tornando-se assim, um desafio para a sociedade contemporânea.

O Brasil está inserido em um sistema econômico e social excludente, por conta disso, as desigualdades sociais e a pobreza vivenciada no país, acentuam a problemática da exclusão digital. Este fato, causa uma disparidade social ainda maior no país. Dessa forma, a exclusão digital caracteriza-se como uma das faces da exclusão social.

Ao mesmo tempo que as possibilidades de acesso se multiplicam, o abismo da desigualdade digital se abre. Segundo a pesquisa TIC Domicílios, realizada pelo Centro Regional de Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), 46 milhões de brasileiros estão na exclusão digital. O levantamento revela também que 45% deste grupo não o fazem por ser muito caro e outros 37% por não

possuir um aparelho com conexão à rede. A mesma pesquisa revela que uma em cada cinco pessoas no país só acessa a rede digital emprestando a conexão de um vizinho.

Entre os efeitos da pandemia, pode-se destacar o aumento da desigualdade social, devido à exclusão digital. Nesse período, as aulas, trabalho, entretenimento aconteceram de maneira remota, mas nem todos possuíam a estrutura necessária para adentrar esse espaço virtual. A pandemia impôs mais uma lacuna aos estudantes de baixa renda, já que agora, para acompanhar as aulas, são necessários equipamentos adequados e acesso à internet. Essa nova realidade aprofundou, então, a desigualdade que já existia das oportunidades de aprendizagem. É importante destacar que a exclusão faz parte do advento do modo de produção no qual nossa sociedade está inserida e tem raízes socioeconômicas. O sistema capitalista é excludente, alinhado na construção das relações individualistas e com pouco ou nenhum espaço para práticas colaborativas e humanitárias. Os efeitos do sistema capitalista se manifestam no não desenvolvimento e marginalização de grande parte da população, processo conhecido como exclusão social, que nega oportunidades, cria segregação e discrimina minorias. A exclusão digital pode ser entendida como uma manifestação da exclusão social e, portanto, é uma forma de discriminação social que gera desigualdades e aumenta a distância e a dependência social. É necessário transpor essa exclusão entendendo a educação libertadora como potência para a decolonialidade.

Entende-se a Educação como um dos instrumentos de combate a exclusão digital ao se discutir a alfabetização e o letramento digital como forma de apropriação das tecnologias digitais no contexto cultural, social e educacional. Diante das novas formas de linguagem que surgiram através da convergência das tecnologias digitais, há o entendimento, entre os estudiosos da tecnologia e da educação, que a educação digital é mais do que a alfabetização digital. É pensar na

construção social coletiva vinculada às culturas digitais, possibilitando o acesso igualitário às ferramentas tecnológicas e a internet. A Educação tem potencial para contribuir na construção de novos sentidos e significados para que se desdobrem em conhecimentos e saberes, desse modo, no contexto atual do mundo conectado/globalizado e da era digital, a educação só poderá cumprir seu papel libertador com acesso igualitária de todas as pessoas às novas tecnologias digitais da comunicação e informação



1. É possível entender a exclusão digital e seus impactos na vida dos estudantes das classes mais empobrecidas sem associá-la ao modelo de sociedade em que vivemos? Que sociedade é essa? Quais outras exclusões podem ser mencionadas?
2. O ensino remoto, imposto pela situação de isolamento social durante a pandemia, aprofundou ainda mais a desigualdade no acesso à educação no Brasil. Quais as consequências atuais desse processo entre as crianças e jovens estudantes em sua comunidade?

3. Para além do acesso às ferramentas tecnológicas, o que mais é necessário para que a inclusão digital na educação seja um passo para transformações sociais maiores?

SUGESTÃO DE ROTEIRO

- Acolhida

Organizar o ambiente em círculo com elementos como: Bíblia, vela, bandeiras,... e cartazes em branco com canetas. Deixar um cartaz no centro com a pergunta: “Que educação temos, que educação queremos?”. Cada participante vai respondendo a pergunta enquanto toca a música: “Canção da Terra”.

- Dinâmica

“Compartilhando coisas boas”

Com o grupo em círculo, distribuir um balão para cada um. Cada participante, inclusive quem está coordenando falará algo bom que lhe aconteceu na vida, exemplo: minha família..., meu namorado..., minha namorada..., minha formatura..., meus amigos..., etc. Cada vez que a pessoa conta uma coisa boa vai assoprando o seu balão e o círculo vai se repetindo e contando coisas boas até que o balão encha (se estourar passe outro balão p/ o participante). Depois de encherem todos os balões... uns mais ou menos cheios conforme a pessoa compartilhar coisas boas que lhe aconteceu... então todos dão um nó no balão e jogam para cima... após alguns minutos batendo todos explodirão os balões simbolizando o compartilhar de coisas boas de uns para os outros no grupo. Ao fundo uma música suave ou bem conhecida para todos cantarem juntos.

Dica de música: Amizade Sincera, Canção de Renato Teixeira

- Texto Bíblico

Na Bíblia a educação da nova geração se dá, principalmente, através da história e das comparações. O livro do Deuteronômio nos convida a recontar a história de nossa família e da luta do povo, para não

perdermos a nossa raiz (Ler Dt 26,5-10). Jesus, através de comparações, convida as pessoas a pensarem sobre a vida (Ler Mt 21,28-32).

- **Discutindo O Tema**

Resgatar as respostas dos cartazes da acolhida e a partir das leituras bíblicas realizar a leitura coletiva do texto de apoio e trazer a reflexão sobre o tema utilizando como apoio as questões geradoras.

- **Ofício Divino das Juventudes**

Ofício 4: Participação, identidade e reconhecimento no horizonte da juventude. (pág. 20 a 25)

- **Envio**

O Senhor Da Minha Fé(Frei Betto, Brasil)

Não creio no deus dos magistrados, nem no deus dos generais, ou das orações patrióticas.

Não creio no deus dos hinos fúnebres, nem no deus das salas de audiências, ou dos prólogos das constituições ou dos epílogos dos discursos eloquentes.

Não creio no deus da sorte dos ricos, nem no deus do medo dos opulentos, ou da alegria dos que roubam do povo.

Não creio no deus da paz mentirosa, nem no deus da justiça impopular, ou das venerandas tradições nacionais.

Não creio no deus dos sermões vazios, nem no deus das saudações protocolares, ou dos matrimônios sem amor.

Não creio no deus construído à imagem e semelhança dos poderosos, nem no deus inventado para sedativo das misérias e sofrimentos dos pobres.

Não creio no deus que dorme nas paredes ou se esconde no cofre das igrejas. Não creio no deus dos natais comerciais nem no deus das propagandas coloridas. Não creio no deus feito de mentiras, tão frágil como o barro, nem no deus da ordem estabelecida sobre a desor-

dem consentida.

O DEUS da minha fé nasceu numa gruta. Era judeu, foi perseguido por um rei estrangeiro, e caminhava errante pela Palestina. Fazia-se acompanhar por gente do povo; dava pão aos que tinham fome; luz aos que viviam nas trevas; liberdade aos que jaziam acorrentados; paz aos que suplicavam por justiça.

O DEUS da minha fé punha o homem acima da lei e o amor no lugar das velhas tradições.

Ele não tinha uma pedra onde recostar a cabeça e confundia-se entre os pobres...

O DEUS da minha fé não é outro senão o Filho de Maria, Jesus de Nazaré.

TODOS OS DIAS ELE MORRE CRUCIFICADO PELO NOSSO EGOÍSMO.

TODOS OS DIAS ELE RESSUSCITA PELA FORÇA DO NOSSO AMOR.

(Extraído do livro Salmos Latino-Americanos)

SUGESTÕES DE MATERIAIS

- Vídeo: Exclusão Digital – Conexão – Canal Futura

Neste programa, os entrevistados Luiza Mesquita, coordenadora do Instituto de Tecnologia do Rio de Janeiro, e Bernardo Sorj, diretor do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais discutem a questão: “o que o país perde com os excluídos digitais?”.

Disponível em: https://youtu.be/3l1_DZ4mpbk

- Vídeo: Exclusão digital é assunto em evidência na população brasileira

Realizado já na pandemia, essa entrevista do Jornal da tarde da TV Cultura com o coordenador de projetos de pesquisa do Cetic.br enfatiza o problema, que se agravou com a necessidade de distanciamento social. Com as escolas fechadas e o ensino remoto, 4,8 mi-

lhões de crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos que não têm acesso à internet viram-se excluídas de seu direito à educação. Assim, mais um desafio entrou na vida de estudantes e famílias nesse momento tão adverso da nossa história. Acompanhe!

Disponível em: <https://youtu.be/mVYJIOAM6OM>

- Podcast: Café da manhã

No episódio “A pandemia expõe a desigualdade da internet brasileira” discute-se como, na crise sanitária devido ao coronavírus, praticamente toda a comunicação passou a ser virtual. Sendo assim, ter uma boa conexão serviria não só para assistir aulas, lives e trabalhar em home office. O próprio auxílio emergencial disponibilizado pelo governo só poderia ser solicitado via site ou aplicativo. Desse modo, a exclusão digital ainda colocou em risco as pessoas, pois precisaram ficar em longas filas para tentar conseguir o benefício. Coloque os fones de ouvido e aproveite para ficar por dentro desse conteúdo!

Disponível em:

https://open.spotify.com/episode/409o1YbXfbpbXvNfl7mcmU?-go=1&utm_source=embed_v3&t=0&nd=1

REFERÊNCIAS

- Exclusão digital: pandemia impôs mais uma lacuna aos estudantes de baixa renda. Jornal da USP, 2021. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/exclusao-digital-pandemia-impos-mais-uma-lacuna-aos-estudantes-de-baixa-renda/>>
- ARAUJO, Adriane Matos de. Exclusão digital e educação: tecnologias humanas como capital digital. V Congresso Nacional de Educação, 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA19_ID2654_10092018163417.pdf>
- Pesquisa mostra que um em cada quatro brasileiros está fora da internet. Rede Brasil Atual, 2021. Disponível em: <[50](https://www.rede-</div><div data-bbox=)

brasilatual.com.br/blogs/planeta-azul/2021/06/exclusao-digital-pesquisa/>

- ROSA, Paulo Roberto. A exclusão digital como uma estratégia engendrada pelo capital para restringir o desenvolvimento territorial do campesinato. REVISTA NERA – ANO 20, Nº. 36 - Dossiê 2017 - ISSN: 1806-6755

EIXO 04 - EDUCAÇÃO E SAÚDE MENTAL: O ACÚMULO HISTÓRICO DAS PRÁTICAS COLONIZADORAS E O PÂNICO VIVIDO PELOS POVOS AMERÍNDIOS CLAMANDO PELA VIDA E TESTEMUNHANDO O NASCER DO CAPITALISMO.

TEXTO BASE

A educação e o colonialismo no continente americano fundem-se como nas situações de sobrepor as culturas europeias por cima das diversas culturas pré-colombianas que se encontram no final do século XV em diversos níveis de organização, desde primitivos povos até complexas sociedades com alto nível de organização e conhecimento da natureza, suficiente para extrair das florestas e afins soluções infinitas, desde aplicação para a saúde até edificações.

Estas sobreposições de cultura iniciam um processo desumano de extermínio de povos ameríndios. De exterminar idiomas e dialetos nativos, as crenças e modo de convivência. Desde 1492, com a chegada das embarcações comandadas por Cristóvão Colombo na ilha de Hispaniola – chamada pelos nativos como ilha de Bohio – a pólvora, a bússola, as bactérias e os vírus de corpos europeus – estes de soldados e marinheiros enviados para atravessarem o Atlântico para contaminar povos ameríndios sem defesa imunológica natural – exponenciaram a matança, o medo, o pânico, a dor mental, o estresse, o descontrole emocional e a desestabilidade de sentimentos de sociedades, inclusive de agrupamentos humanos na América muito maiores que das cidades de Espanha e Portugal. Quando se fala em genocídio logo de estalo a humanidade rememora o holocausto como um dos atos mais bárbaros que já se foi praticado, em pleno século XX, no advento da 2ª Guerra Mundial. Com certeza o holocausto foi uma das maiores atrocidades da história da humanidade que viu com os próprios olhos ações de antissemitismo e racismo contra a esmagadora maioria de judeus, assim cerca de 6 milhões de vítimas foram

executados das diversas formas mais horrendas, porém soldados espanhóis e portugueses desde o século XV contribuíram para o extermínio de 70 milhões de ameríndios, só na região do México cerca de 20 milhões, na região dos Estados Unidos por volta de 18 milhões, nos países andinos próximo de 10 milhões e no Brasil aproximadamente o massacre foi 4 milhões.

A tentativa processual da extinção das culturas ameríndias chegou-se ao ponto de os conquistadores europeus não encontrar mais mão de obra escrava ameríndia para extração principalmente da prata e do outro que enriquecia e fortalecia os monarcas do velho continente. Com isso a solução encontrada foi de traficar escravos da África para a extração de minérios no Novo Continente e abastar as coroas imperiais europeias. Entre os anos de 1503 e 1650 estima-se que foi usurpado das entranhas do continente americano através do império espanhol por volta de 185 toneladas de ouro e 16 mil toneladas de prata fora o contrabando, onde tudo isto mais tarde serviu para patrocinar o desenvolvimento comercial e manufatureiro, disposição necessária para a Revolução Industrial e conseqüentemente o Capitalismo.

As tradições e culturas de aldeias africanas começaram a sofrer com a ganância e imposição da cultura europeia que a partir de 1680 já retirava por volta de 70 mil negros que chegavam somente por ano cerca de 46 mil as costas da América por conta de doenças, castigos severos, acorrentamento mais afogamento e a pólvora. Atreve-se afirmar que em menos de 100 anos mais de 10 milhões de negros da África foram exportados para a América. Só neste contexto, a saúde mental dos povos da África já vivia em estresse e medo, para lutar pela vida e liberdade.

O colonialismo praticamente não autorizava escolas e universidades pelas vilas e cidades do continente americano, onde escravos e nativos não tinham acesso a educação, os mesmos eram subjugados para

negarem suas crendices e aprenderem a falar o idioma do império que ali se instalava. A elite nas Américas, quando podiam, enviavam seus filhos para estudar na Europa. Apesar de tudo muitos idiomas no Brasil e na América espanhola resistiram e assim coexistiu e com um pouco das tradições orais dos ameríndios foi se passando de geração em geração.

A partir das independências dos países da América, como no Brasil, iniciou a ideia de organizar a educação do povo. Sempre nunca focando nos medos, estresses e outras situações que atrapalham a saúde mental onde castigos como palmatória perpetuaram na educação pública até a década de 1990 no Brasil. Neste interim, vale ressaltar os temidos anos de chumbo da Ditadura Militar, que por décadas após 1960 e se estenderam até os anos 1980, iniciando perseguição política e tortura principalmente aos estudantes de escolas públicas que não tinham condições mínimas para estudar e se organizavam pela melhoria da educação.

No século XXI no Brasil a preocupação é para que os processos de ensino-aprendizagem se desenvolvam e empenha-se bastante tempo e trabalho para que educadores estratificam melhores resultados entre os estudantes. Só que agora, pós-período de afastamento social por conta da pandemia de COVID-19, as preocupações não podem se limitar a valores de melhoria cognitiva e sim de ir além disto como as preocupações de saúde mental como pode se aprofundar no texto Educação e Saúde Mental anexado aqui como texto de aprofundamento.

A realidade do bullying, do estresse, da ansiedade entre outros comportamentos vem cada vez mais piorando a qualidade de vida de estudantes e a pandemia acelerou esta situação que por muitas vezes a comunidade escolar entendia como bobeira ou similaridades. É preciso abrir canais de escuta e se dar conta que os estudantes podem sofrer ou mesmo serem atores de prática de sofrimento por conta de

pressões dentro do lar que habitam. Tudo isto precisa ser refletido para almejar ambiente e mentes com saúde mental adequados.

QUESTÕES GERADORAS

Para efeito de divisão em minigrupos para debater e aprofundar as raízes colonizadoras e os distúrbios ocasionados por conta do desequilíbrio emocional: anotem as questões para que sejam respondidas e registradas por um membro do minigrupo para encaminhar para a coordenação, animação e ou assessoria do grupo:

- 1) Qual é a contribuição do atual sistema econômico no Brasil para que os estudantes se sintam afetados no que se refere a saúde mental?
- 2) Dentro da escola há estudantes que apresentam comportamentos dos mais variados que são frutos de situações de desequilíbrio emocional? O que estes estudantes têm de canal de comunicação para serem ouvidos dentro da escola?
- 3) Quais são os aspectos mais graves sobre a falta de saúde mental que ocorreram entre os estudantes da escola que você faz parte?
- 4) Na escola existe algum projeto ou programa para auxiliar no que se refere a saúde mental de toda comunidade escolar? Qual é o intervalo de realização? Há alguma edição que merece destaque?

DINÂMICA

Dinâmica da bexiga: A pessoa que está conduzindo o encontro distribui bexigas (balões) cheios para cada participante e propõe para que todos cuidem destas bexigas (balões) mantendo na sala (ambiente) do encontro, deixando no ar sem deixar cair como se fossem a vida de cada um. Previamente a pessoa que estiver conduzindo a reunião combina reservadamente que irá estourar a bexiga de um participante e em seguida este mesmo participante irá

começar a fazer a algazarra no espaço onde os demais jovens estarão com suas bexigas (balões), onde devem manter no ar sem deixar cair através de pequenos tapas devidamente orientados através do condutor da reunião. Para acelerar e de modo bem discreto o condutor da reunião iniciará o extermínio das bexigas (balões). Após sobrarem poucas bexigas o conduto da reunião perguntará para o grupo porque não se cuidou da bexiga (balão) do outro para também se manter cheia e só se preocupou com a própria bexiga (balão). O condutor deverá fazer um arremate fazendo analogia que cada estudante deverá cuidar da sua saúde mental da escola e também se esforçar para dar força para aqueles que não conseguem manter sua saúde mental. Perguntar para todo o grupo de como poderíamos cuidar da saúde mental coletiva da escola. Para mais embasamentos do tema é importante realizar a leitura do texto de aprofundamento Educação e Saúde Mental, assistir os dois vídeos (Saúde Mental nas escolas e Juntos contra o bullying nas escolas).

OFÍCIO DIVINO DAS JUVENTUDES

A sugestão de oração é realizar o Ofício da Vigília com a ideia de esperar um tempo bom para a bonança da saúde mental, encorajando principalmente os estudantes que frequentemente apresentam comportamentos que se caracterizam por desequilíbrios emocionais, principais as ansiedades, pânico, medos, choros, gritos, tensões e outras fobias de modo que a acolhida vislumbre atos de receber com abraço e sorriso no rosto. (Seguir a partir da página 11 até a 18 do Ofício Divino das Comunidades). Outra sugestão é que na parte 4 do ODJ do Hino que se possa tocar as seguintes músicas que estão dentro do ODJ:

Coração Civil (página 54), Dias Melhores (página 56), Será (página 58), Como uma onda (página 63), Catedral (página 63), Comida (página 67), É preciso saber viver (página 69), Mesmo Rosto (página 88) e Mistérios (página 79).

SUGESTÕES DE MATERIAIS

- Saúde Mental nas Escolas | Conexão. Canal Futura. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZWi-K8Ms133c>>. Acesso em: 2 de julho de 2022.
- UNESCO. Juntos contra o bullying nas escolas. UNESCO. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9vLi-k19wpq4>>. Acesso em: 2 de julho de 2022.
- Texto de Aprofundamento: Santos Junior, C. Educação e Saúde Mental. Sorocaba, 2022.
- Coração Civil (ODJ página 54);
- Dias Melhores (ODJ página 56);
- Será (ODJ página 58);
- Como uma onda (ODJ página 63);
- Catedral (ODJ página 63);
- Comida (ODJ página 67);
- É preciso saber viver (ODJ página 69);
- Mesmo Rosto (ODJ página 88);
- Mistérios (ODJ página 79).

GESTO CONCRETO

A primeira sugestão de gesto concreto sobre esta reflexão de educação e saúde mental é reforçar a discussão que é muito importante a convivência de estudantes para dentro dos diversos ambientes da escola e inclusive os pátios das escolas. Conforme o texto de aprofundamento onde Celso (2022) incita:

“O chão sagrado da escola e as convivências ali desenvolvidas são inegociáveis para que estudantes alcancem não só conteúdos e processos de ensino-aprendizagem, já bem alinhavados a partir de componentes curriculares onde a BNCC se atreve propondo em formato de habilidades de maneira linear,

dialética, interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar. O processo de educação na fé, ferramenta pedagógica que une a Pastoral da Juventude, a Pastoral da Juventude Rural, a Pastoral da Juventude do Meio Popular e a Pastoral da Juventude Estudantil (entre outras organizações que comungam deste enriquecedor método de transformação social), ocorre principalmente nas interações presenciais da juventude e a educação, na sua plenitude, segue no mesmo barco. É um insulto não se articular e agir para esclarecer ao Senado Federal, nestes tempos da estação mais fria do ano no centro sul e mais chuvosa no norte e nordeste do ano de 2022, que a proposta de modalidade de educação em casa não corrobora para que se acompanhe através de uma junta educacional nas situações de doenças mentais e saúde emocional vivenciadas pelos jovens no Brasil.” (Santos Junior, 2022)

Assim é importante retomar que, conforme a pesquisa Datafolha publicada no 5º mês de 2022, por volta de 80% da população brasileira não aceita o ensino domiciliar como uma proposta para os estudantes desenvolverem seus processos de ensino-aprendizagem. Deve-se articular todos os estudantes, educadores, escolas e colégios para se empenharem nos canais digitais dos senadores da república perante esta intenção popular de não aprovarem a proposta que tirará o direito da convivência entre estudantes como espaço aberto de aprender a ser e aprender a conviver, opções pedagógicas que as pastorais entendem como situações inegociáveis para desenvolvimento do projeto de vida.

A segunda proposta de gesto concreto é que se organize líderes estudantis para que organizem e desenvolvam canais de escuta mais íntima encorajando os estudantes que sofrem as diversas dores emocionais como testemunhado por Celso (2022) descrevendo um pouco da realidade de como se encontra a saúde mental de estudantes na volta as aulas no ano 2022:

“Para se debruçar neste aspecto pinça-se um aspecto prático logo no início da volta as aulas no 1º bimestre de uma escola pública no sul do estado de São Paulo. Num total de 15 salas em média de 35 estudantes cada, diariamente por mais de 3 meses mais de 12 estudantes apresentam crises de ansiedade com excesso de choro, gritos, pânico com vontade de sair da sala de aula, membros trêmulos por tempos extensos, não alimentação durante de tempo excessivo dentro da escola dentre os comportamentos passivos e nos comportamentos ativos, dezenas de estudantes se socando, dando chutes, croques e até voadoras nas costas de coleguinhas por conta de ter ouvido alguma palavra qualquer que interpretou como provocativa ou mesmo prática de bullying verbal e mesmo pisoteamento de colegas no início de intervalo por conta de alguns começarem a correr empurrando e derrubando os demais mais fracos e menores. Crianças que batem de maneira muito agressiva os demais colegas por orientações de responsáveis para não trazerem “desaforos” para casa, além de responsáveis que vão na escola ameaçar o corpo docente, pois os professores evitaram que a estudante foi impedida de dar uma surra numa colega que a provocou. Estes fatos não são isolados de uma unidade educacional, pois a diretora da mesma escola se queixa dizendo que diversos outros colegas gestores de muitas outras escolas dizem passar por situações iguais e até mais complicadas.” (Santos Junior, 2022)

Esta escuta mais íntima pode ocorrer a partir de caixas para que o estudante com quaisquer características que emplaca na violação da sua saúde mental possa escrever seus clamores, denunciar situações que os tornam vulneráveis e situações parecidas. Com estes escritos a comunidade escolar deve se sensibilizar e montar um serviço para conseguir uma ajuda profissional auxiliando o estudante e assim tentar ajudar para que não continue ou aumente o desequilíbrio emocio-

nal.

A terceira proposta de gesto concreto é desencadear entre os líderes estudantes e educadores o projeto permanente de saúde mental para todas as escolas da região a partir de atividades de palestras e afins, estimulando os estudantes que se encontram em desequilíbrio emocional a contar e se aliviar das tensões que atrapalham sua saúde mental e assim as comunidades escolares se comprometem com esta importante campanha.

REFERÊNCIAS

- BRANT, S. SALDAÑA, P. Câmara conclui votação que libera ensino domiciliar, e projeto vai ao Senado. Folha de São Paulo. UOL. Educação. Brasília, 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/05/camara-conclui-votacao-que-libera-ensino-domiciliar-e-projeto-vai-ao-senado.shtml>>. Acesso em: 2 de julho de 2022.
- CERUTI, L. Colonialismo | América Latina: uma história de genocídio, saque, exploração e luta. Esquerda Diário. Cultura. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/America-Latina-uma-historia-de-genocidio-saque-exploracao-e-luta>>. Acesso em: 2 de julho de 2022.
- FILHO, P. C. Maior Genocídio da Humanidade foi feito por europeus nas Américas: 70 milhões morreram. Diálogos do Sul. São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/58765/maior-genocidio-da-humanidade-foi-feito-por-europeus-nas-americas-70-milhoes-morreram#:~:text=Nos%2030%20primeiros%20anos%20da,na%20luta%20por%20sua%20liberta%C3%A7%C3%A3o.>>. Acesso em: 2 de julho de 2022.
- LLORENTE, A. Os territórios batizados por Colombo e que mantiveram seus nomes até hoje. BBC News Brasil. São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-50028627#:~:text=Hispaniola&text=e%20pelo%20Haiti-,His>>.

paniola%20%C3%A9%20a%20ilha%20compartilhada%20pela%20Rep%C3%BAblica%20Dominicana%20e%20pelo,e%20batiz%-C3%A1%2Dla%20de%20Hispaniola.>. Acesso em: 2 de julho de 2022.

- PJE, PJMP, PJR, PJ. Semana da Cidadania de 2022. O golpe da independência. 200 anos de luta pela decolonialidade. Brasília, 2022.
- SANTOS JUNIOR, C. Educação e Saúde Mental. Sorocaba, 2022.

ANEXO

Educação e Saúde Mental

O chão sagrado da escola e as convivências ali desenvolvidas são inegociáveis para que estudantes alcancem não só conteúdos e processos de ensino-aprendizagem, já bem alinhavados a partir de componentes curriculares onde a BNCC se atreve propondo em formato de habilidades de maneira linear, dialética, interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar. O processo de educação na fé, ferramenta

Base Nacional Comum Curricular: Homologada através do Ministério da Educação em 14 de dezembro de 2018 para toda a Educação Básica.

Evitando uma fragmentação do saber e tornando mais dinâmico, a interdisciplinaridade é a oportunidade de mais de um componente curricular se associarem proporcionando trocas de conhecimento e experiências resultando novas possibilidades de ensino-aprendizagem.

Não dispondo de articulações de métodos entre várias áreas de conhecimento, a multidisciplinaridade desenvolve projetos ou propósitos comuns resolvendo deficiências pontuais e imediatas sem foco nos ganhos colaborativos.

pedagógica que une a Pastoral da Juventude, a Pastoral da Juventude Rural, a Pastoral da Juventude do Meio Popular e a Pastoral da Juventude Estudantil (entre outras organizações que comungam deste enriquecedor método de transformação social), ocorre principalmente nas interações presenciais da juventude e a educação, na sua plenitude, segue no mesmo barco. É um insulto não se articular e agir para esclarecer ao Senado Federal, nestes tempos da estação mais fria do ano no centro sul e mais chuvosa no norte e nordeste do ano de 2022, que a proposta de modalidade de educação em casa não corrobora para que se acompanhe através de uma junta educacional nas situações de doenças mentais e saúde emocional vivenciadas pelos jovens no Brasil. Só esta ação já é uma bandeira de luta muito atual em diversos aspectos: primeiro porque a pandemia durante praticamente dois longos anos impetrou aos estudantes conviverem mais tempo com seus responsáveis e assim, quando os responsáveis não dispunham de paciência e outras condições positivas, episódios de todo tipo de violência doméstica exponenciou nos lares onde os estudantes ficaram ou deveriam estar enclausurados dentro dos limites de seus lares; segundo que a COVID-19 dilacerou famílias tornando muitos estudantes órfãos ou mesmo trazendo precocemente a experiência da perda de outros familiares, amigos, vizinhos e conhecidos – as redes sociais também explicitou com imagens e posts a situação de um velório infundável deixando em colapso as emoções e sentimentos; terceiro que nossos estudantes foram os últimos dentre os agrupamentos populacionais a usufruírem de vacinas, provocando medo perante a sobrevivência na pandemia, já que muitos outros grupos foram priorizados, além da desumana campanha de informações falsas e sem base científica onde se verbalizava que adolescente e as crianças não adoeciam com o SARS-CoV-2 e deveriam voltar as aulas presenciais o mais rápido (elemento este reiterado indiscrimina-

damente através do governo executivo federal entre os anos de 2020 e 2021); quarto que a pandemia piorou o caso de segurança alimentar nos lares empobrecidos no Brasil, já que na pré-pandemia a porcentagem de desocupados no Brasil alcançavam patamares de dois dígitos (11,4%) e se agravou entorno de 15% da população durante a pandemia e no caso da juventude os índices de desemprego alcançaram 29% (praticamente o dobro da média nacional). Ressalta-se que isso implicou para que 125,6 milhões de brasileiras e brasileiros sofreram de insegurança alimentar em plena pandemia entre os anos de 2020 e 2021, girando por volta de 60% da população brasileira. Tudo que era trabalho informal como os profissionais da faxina, de salão de beleza, ambulantes, cuidadores, freelancers nos serviços de bares, restaurantes, padarias, lanchonetes e afins extinguiram durante a

Método complexo de integração de componentes curriculares de integração contínua e ininterrupta dos saberes abolindo as segmentações de disciplinas e de educadores especialistas, focando o propósito de vida e deixando de lado o nível de importância de cada componente curricular.

A COVID-19 é provocada pelo vírus SARS-CoV-2 que já apresentou variantes como a Alpha, a Beta, a Gama, a Delta e a que atualmente preocupa discriminada como Ômicron.

Ex Ministro Milton Ribeiro, no Ministério da Educação em 2021, pronunciou nos diversos canais que se o MEC tivesse o poder determinar o retorno das aulas presenciais aos estudantes da educação básica já teria obrigado tal questão a todos municípios e unidades federativas, pois não tem que se esperar a vacinação de professores para volta as aulas.

Ou freelancer são pessoas que trabalham por meio de contratos profissionais, firmando um acordo com o cliente que paga pelo seu serviço, um profissional liberal, ou seja, uma pessoa que atua em determinada área de modo autônomo, sem

um vínculo formal com empresas no regime CLT.

pandemia; quinto que a violência doméstica através de mortes violentas intencionais contra as crianças e de adolescentes, apesar do distanciamento social sugerido na pandemia, aumentou 3,6% conforme apresentação do 15º Anuário Brasileiro de Segurança Pública comprometendo a saúde mental e emocional dos menores, além das subnotificações ou mesmo do silêncio ameaçado com desculpas do tipo “bati a cabeça na mesa” ou “cai no chão”; sexto é que os governantes estão totalmente desconectados da realidade social quando desenvolveram aplicativos e conteúdos digitais de ensino através de plataformas na internet acreditando que todos os estudantes têm acesso a internet e a dados praticamente ilimitados e com sinal excelente para usufruírem de aulas síncronas ou assíncronas para desenvolverem aprendizados a distância, onde na presença do educador já apresentavam dados educacionais pífios na educação pública, imagina nos lares dos estudantes onde a maioria dos pais e ou responsáveis não tem aptidão para ensinar os conteúdos propostos em roteiros mesmo que impressos para realização nas casas. A maioria dos estudantes de escolas públicas não possuem aparelhos de smartphones compatíveis para funcionar os aplicativos que as redes de ensino disponibilizaram e tampouco estes mesmos aparelhos dispõem de memória interna para instalação ou mesmo gravar vídeos e tirar fotos comprovando a realização de tarefas para enviar através de aplicativos de mensagens; sétimo é quando a violência doméstica se agrava a válvula de escape não é as ruas, pois mesmo durante a pandemia os homicídios causados por intervenções policiais apresentaram chegaram a 140 no total só no estado de São Paulo entre a faixa de 10 a 19 anos .

Uma edição desta mesma Semana do Estudante, a PJE do Brasil (2006) veio ser voz pelo grito de segurança dos estudantes pela garantia do livre perigo, pelos estudantes intatos, ilesos, sãos e salvos.

“Quando pensamos em violência, uma outra palavra logo vem à cabeça: segurança. Com a segurança queremos resolver o problema da violência, mas, em nosso país, a palavra segurança está atualmente muito ligada ao sentido de repressão. Segurança pode ser definida como ‘conjunto de meios pelos quais se deve garantir os direitos fundamentais da pessoa com a vida, a liberdade e a incolumidade física e moral’. Portanto, se desejamos um país livre da violência, devemos exercitar nossa cidadania e lutar pela garantia de direitos a todas e todos, construindo uma cultura de democracia e de paz.” (PJE do Brasil, 2006, p. 9 e 10)

As reflexões de 15 anos atrás estavam num sentido acertado, porém ainda se faz complementar para além das preocupações físicas e morais (ainda muito importantes) a questão da saúde mental. Os setes pontos anteriormente argumentados produzem aspectos muito diferente para dentro das ações da volta as aulas presenciais na educação básica em todo Brasil. Para se debruçar neste aspecto pinça-se um aspecto prático logo no início da volta as aulas no 1º bimestre de uma escola pública no sul do estado de São Paulo. Num total de 15 salas em média de 35 estudantes cada, diariamente por mais de 3 meses mais de 12 estudantes apresentam crises de ansiedade com excesso de choro, gritos, pânico com vontade de sair da sala de aula, membros trêmulos por tempos extensos, não alimentação durante de

Mais de 4 milhões de estudantes do ensino público não tem condições de acessar a internet para desenvolver os roteiros propostos pelas escolas para aferirem aprendizados.

A UNICEF divulgou que 44% dos homicídios contra crianças e adolescente no estado de São Paulo são provocados por intervenção policial

tempo excessivo dentro da escola dentre os comportamentos passivos e nos comportamentos ativos, dezenas de estudantes se socando, dando chutes, croques e até voadoras nas costas de coleguinhas por conta de ter ouvido alguma palavra qualquer que interpretou como provocativa ou mesmo prática de bullying verbal e mesmo pisoteamento de colegas no início de intervalo por conta de alguns começarem a correr empurrando e derrubando os demais mais fracos e menores. Crianças que batem de maneira muito agressiva os demais colegas por orientações de responsáveis para não trazerem “desaforos” para casa, além de responsáveis que vão na escola ameaçar o corpo docente, pois os professores evitaram que a estudante foi impedida de dar uma surra numa colega que a provocou. Estes fatos não são isolados de uma unidade educacional, pois a diretora da mesma escola se queixa dizendo que diversos outros colegas gestores de muitas outras escolas dizem passar por situações iguais e até mais complicadas. Este termômetro e clima assolam as escolas públicas e as mesmas não dispõem de pelo menos um profissional na área de psicologia para atender uma comunidade educativa com mais de 50 educadores e gestores, 20 funcionários e quase 1000 estudantes. A prioridade nos planos de ações das escolas públicas são as demandas por busca ativa, ações contra evasão escolar, habilidades prioritárias, defasagem de aprendizado, retomadas e reforços. Os estudantes esqueceram de como conviver na sala de aula e os educadores gastam muito mais tempo separando estudantes que se agredem na sala de aula do que de fato aplicar ações para exercer ações de processos de ensino-aprendizagem que a pandemia fortaleceu as defasagens já diagnosticadas no período pré-pandêmico. Educadores também se encontraram durante as atividades educacionais em casa nos anos de 2020 e 2021 com psicológico alterado e abalado, pois trabalhando de casa não se estabelecia um horário final de cuidar de ações da escola e um início de cuidar de tarefas de casa como por exemplo realizar e pre-

parar alimentações e mesmo faxinas nas casas, fora o empenho em auxiliar na educação dos filhos que se encontram em idade escolar. Estes tempos são tempos de que o se cuidar emocionalmente se faz muito necessário para estar o mais preparado possível perante as demandas dos estudantes que apresentam comportamentos alterados em que as licenciaturas ofertas neste país não preparam para este tipo de demanda. A didática não tem competência para habilitar educadores nas práticas de sala de aula para contribuírem na melhora da saúde mental e desequilíbrios emocionais.

Não se pode afirmar que nada está sendo realizado no que tange a iniciativa governamental perante estes desafios enfrentados pelas unidades escolares. No estado de SP, se desenvolve o programa CONVIVA SP, que estabelece objetivos como por exemplo contribuir para um clima escolar positivo por meio de ambiente de aprendizagem colaborativo, solidário e acolhedor; promover e articular a participação ativa da família na vida escolar dos estudantes da rede de ensino estadual entre outros. Há também iniciativas governamentais em outros estados de dispor de um profissional de psicologia para atender toda a comunidade escolar de pelo menos 5 escolas, com atendimentos coletivos com o intuito de triagem para identificação de casos mais complexos entre outras iniciativas, porém mesmo com estas duas citações ainda se faz muito pouco perante as demandas e educadores e gestores vão atuando de maneira não profissional como efeitos de “apagar incêndio” a conta gotas.

Ainda no plano de reflexões passadas através da Semana do/a estudante, a PJ, a PJR, a PJE e a PJMP (2009) trouxe dentro do subsídio números alarmantes sobre violência que infere na saúde mental das pessoas:

“O século XX foi campo das maiores descobertas científicas da história. Foi nesse período que surgiram a fabricação de automóveis em massa, a televisão, o avião, o celular, o computador, a internet, a clonagem, etc. Mas a tecnologia, por si só, não foi capaz de solucionar os maiores problemas da humanidade. Exemplo disso é que o número de pessoas que passam fome

no mundo aumentou em 2008 para 963 milhões, contra 832 milhões registrados em 2007.’ Como se não bastasse, há cerca de 1 bilhão de analfabetos no planeta e mais de 32% da população urbana mundial vive em favelas.” (PJ, PJR, PJE e PJMP, 2009, p. 14)

Rememorando ainda, a PJE do Brasil (2008) bradava através da Semana do/a Estudante sobre o direito à dignidade humana através do exercício em garantir a vida em plenitude, refletindo o direito dos esfarrapados do mundo e escandalizando um triste episódio:

“Cinco adolescentes mataram hoje, barbaramente, um índio pataxó, que dormia tranqüilo, numa estação de ônibus, em Brasília. Disseram à polícia que estavam brincando. Que coisa estranha. Brincando de matar. Tocaram fogo no corpo do índio como quem queima uma inutilidade. Um trapo impresentável. Para sua crueldade e seu gosto de morte, o índio não era um tu ou um ele. Era aquilo, aquela coisa ali. Uma espécie de sombra inferior no mundo. Inferior e incômoda, incômoda e ofensiva.” (PJE do Brasil, 2008, p. 14)

A preocupação deste momento é o direito da dignidade da pessoa humana e o que a pandemia exterminou ou deixou próximo do zero no que se refere aos comportamentos sociais, tendo em mente que a sociedade médica implicou na ideia do distanciamento social para preservar vidas e evitar contaminação. Retomando o recorte da escola no sul do estado de São Paulo e as diversas situações incomuns já citadas necessitando de intervenções que ofereçam apoio emocional e maleabilidade sentimental em busca de uma saúde mental menos pulsante e mais equilibrada sem deixar de lado as exigências para a recuperação do tempo perdido nos processos de ensino-aprendizagem que acarretaram as defasagens cognitivas, além das adaptações curriculares para aqueles de necessidades especiais.

Não cuidar destes aspectos emocionais e cognitivos, achando que as coisas irão funcionar como antes de 2020, porque praticamente no senso comum a pandemia já acabou, é deixar a torneira aberta para que episódios de suicídio, agressões brutais originadas por motivos fúteis e eventos extermínio em massa ocorram com muito mais

frequência entre os estudantes tanto no papel de vítimas como de agressores.

A leitura da tal chamada “busca ativa” não pode se limitar para efeitos de recuperação do aprendizado, mas também para identificar sinais da eminência de situações catastróficas. Os estudantes podem apresentar comportamentos explícitos antes de cometerem situações de violência através dos próprios comportamentos. Estes comportamentos podem estar publicados em redes sociais através de textos, imagens e vídeos que caracterizam, entre outras coisas, depressão, pânico e diversas fobias.

O que vale lembrar é que as preocupações sobre os diversos aspectos da dignidade humana já têm um passado de compromisso perante os estudos da igreja e a CNBB (2007) já indicava que a razão e a emoção devem ser propostas de maneira equilibrada:

“Há necessidade de levar em conta os dois enfoques da cultura contemporânea e manter um equilíbrio entre os dois pólos: o racional e o emocional. Emoções, sentimentos e imaginação precisam ser integrados em uma metodologia que tenha objetivos claros. Ao mesmo tempo, a razão deve deixar espaço para as emoções e a imaginação. A mensagem do Evangelho precisa ser apresentada como resposta às dimensões da vida do jovem. A formação deve ser integral, isto é, considerar as diversas dimensões da pessoa humana e os processos grupais.” (CNBB, 2007 p. 16 e 17)

Entendendo que é muito importante o cuidado no tange as situações emocionais e de saúde mental, a BNCC prevê o desenvolvimento de competências socioemocionais dialeticamente com as habilidades de componentes curriculares tradicionais tais como matemática, língua portuguesa entre outras.

É importante perceber antecipadamente que os estudos das emoções é base para processar, para dentro da educação básica, as competên-

cias socioemocionais. Este conceito é provocado a partir de diversos espectros e estudos das emoções como o acúmulo dos estudos da psicopedagogia, da neuropsicologia, da biologia dentre outras disciplinas que se envolvem com as emoções e saúde mental.

Assim no Brasil, provocados por estudos da UNESCO, debruçou-se para construir e implementar uma educação para o século XXI que se permeia das competências socioemocionais. Neste sentido a Base Nacional Comum Curricular constituiu 10 competências gerais e dentro de todas as competências socioemocionais estão presentes compondo e auxiliando cotidianamente as competências cognitivas e ou acadêmicas da educação básica.

A BNCC ainda persiste que as competências socioemocionais devem estar sempre no “olho do furacão” para se desenvolverem dentro do contexto da escola e auxiliando os estudantes do século XXI, fortalecendo qualquer proposta curricular educacional.

Contudo faz-se necessário agora listar e esclarecer as cinco habilidades socioemocionais que compõe e fortalecem as habilidades que a BNCC (2019) se constitui:

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) é uma agência especializada das Nações Unidas (ONU) com sede em Paris, fundada em 4 de novembro de 1946 com o objetivo de garantir a paz por meio da cooperação intelectual entre as nações, acompanhando o desenvolvimento mundial e auxiliando os Estados-Membros - hoje são 193 países - na busca de soluções para os problemas que desafiam nossas sociedades. É a agência das Nações Unidas que atua nas seguintes áreas de mandato: Educação, Ciências Naturais, Ciências Humanas e Sociais, Cultura e Comunicação e Informação. Para isso desenvolve projetos de cooperação técnica em parceria com o governo - União, estados e municípios -, a sociedade civil e a iniciativa privada, além de auxiliar na formulação de políticas públicas que estejam em sintonia com as metas acordadas entre os Estados Membros da ONU.

“Autoconsciência: Envolve o conhecimento de cada pessoa, bem como de suas forças e limitações, sempre mantendo uma atitude otimista e voltada para o conhecimento.

Autogestão: Relaciona-se ao gerenciamento eficiente do estresse, ao controle de impulsos e à definição de metas.

Consciência social: Necessita do exercício da empatia, do colocar-se ‘no lugar dos outros’, respeitando a diversidade.

Habilidades de relacionamento: Relacionam-se com as habilidades de ouvir com empatia, falar clara e objetivamente, cooperar com os demais, resistir à pressão social inadequada (ao bullying, por exemplo), solucionar conflitos de modo construtivo e respeitoso, bem como auxiliar o outro quando for o caso.” (BNCC, 2019)

Tomada de decisão responsável: Preconiza as escolhas pessoais e as interações sociais de acordo com as normas, os cuidados com a segurança e os padrões éticos de uma sociedade.

A BNCC ainda impulsiona para que os educadores da educação básica no exercício dos processos de ensino-aprendizagem se capacitem e se atualizem diante destas habilidades socioemocionais propostas para obterem transparência ao intermediarem situações problemáticas junto aos estudantes e precisão ao monitorar e intermediar os estudantes desenvolvendo estratégias para solucionar problemas que envolvem a saúde mental, estimulando protagonismos dos mesmos no decorrer da convivência na comunidade escolar e também nos outros ambientes que o estudante vivencia que implica no próprio desenvolvimento cognitivo.

Enquanto agentes de pastoral, não se pode compreender que estas diretrizes sejam suficientes para que os estudantes possam ter cuidado na sua integridade, para “que tenham vida e vida em abundância (Jo; 10, 10). A PJE do Brasil (2005), ainda na primeira década do século XXI, se preocupa com a saúde mental de estudantes, na perspectiva

de equilíbrio e melhora a partir da intimidade com o Sagrado:

“A oração é fundamental, é o momento de contato mais íntimo com Deus. Sem ela a vida de fé se esmorece.” (PJE do Brasil, 2005, p. 194)

A PJE do Brasil (2005) aponta situações que contaminam o equilíbrio emocional, na perspectiva da espiritualidade, argumentos onde alguns convergem com situações que outros pensadores da educação alicerçam como diagnósticos que atrapalham a saúde mental:

“Listamos algumas dificuldades:

- A família não assume um papel significativo na formação religiosa do jovem, que acaba sendo superficial e precária.
- As pessoas, muitas vezes, vêm na missa e nos sacramentos a única maneira de viver a espiritualidade.
- A massificação da escola e da sociedade, leva o jovem a desvalorização pessoal, à desmotivação e à falta de criatividade.
- O consumismo colocado como prioridade.
- A falta de perspectiva dos jovens e experiências negativas de espiritualidade.
- O individualismo, levando a desvalorização da vivência comunitária e das relações afetivas.” (PJE do Brasil, 2005, p. 193)

A PJE do Brasil (1995) já modelava na década de 1990 perfis de agentes de pastoral para atuar junto aos estudantes se preocupando com a dimensão psicológica e conseqüentemente com as situações emocionais de estudantes:

“d) Perfil psicológico

O assessor é uma pessoa que teve tempo para viver um processo de amadurecimento tal que lhe permite olhar o caminho do jovem com outras perspectivas. Isso significa, contudo, que precisa estar atento a um constante processo de formação, baseado sobretudo na Revisão de Vida e de Prática. Deve ser aberto, capaz de escutar e discernir

com os jovens.” (PJE do Brasil, 1995, p. 106)

Na linha de preocupação sobre integralidade (incluído a saúde mental) da juventude, a PJR (2002) apontou caminhos na mesma direção no tocante da formação de sua ação:

“Capacitar o jovem e a jovem rural, através de uma formação integrada e específica, que vá ao encontro de seus gritos e angústias para que cada vez mais, torne-se sujeito da caminhada da PJR, de outras pastorais e outras instâncias do movimento popular e da sociedade organizada;” (PJR, 2002, p. 12 e 13)

A PJMP (2002) vibra nas mesmas preocupações trazendo situações que podem sufocar a saúde mental de jovens:

“Podemos lembrar dos sérios problemas e conflitos que vivemos em nossa vida pessoal em torno da afetividade e relacionamentos diversos: família, amigos, namorado(a), etc. Com isso, vamos perceber que não são apenas os fatores externos que nos aproximam como jovens do meio popular. Vivemos, internamente, muitas crises que se refletem no nosso agir, no nosso pensar.” (PJMP, 2002, p. 15)

A Pastoral da Juventude Nacional (2009) descreve conjunturas em consonância com as PJs irmãs, inferindo desafios para o equilíbrio da saúde mental e os turbilhonamentos emocionais:

“A correria do dia-a-dia faz com que tenhamos dificuldades em prestar atenção aos ritmos de nossa vida para conseguir vencer a jornada. É necessário refletir sobre como anda a rotina para melhor cuidar da vida, das relações e do mundo; prestara devida atenção a minha pessoa, a minhas rotinas e a minhas relações. Todos são chamados e escolhidos por Deus para a vida plena. Quando Ele nos chama, já nos dá os dons e as potencialidades para realizar a missão. O chamado é o que nos leva a assumir a nossa vocação. Refletir, pensar e encontrar as respostas a essas pergun-

tas é planejar a vida. O que possibilita dizer que temos um ‘Projeto Pessoal de Vida’, mas não desejamos ter um projeto só por causa do nosso próprio egoísmo, mas para que o nosso ser esteja em harmonia, para que a pessoa possa, de fato, ir ao encontro do outro/a, dos pobres mais necessitados e que se comprometa com as transformações sociais para realizar, aqui e agora, os sinais do Reino de Deus.” (PJ Nacional, 2009, p. 18 e 19)

O acúmulo histórico onde as PJs e muitas outras organizações juvenis alicerçaram o chão para saber de onde partir e para onde apontar o olhar para vislumbrar horizontes de caminhos para solução é muito enriquecedor. Atreve-se afirmar que a ferramenta sagrada do Projeto de Vida que as PJs forjaram por décadas contribuiu a culminar uma educação pública que vai além de habilidades cognitivas, em que, percebendo a diversidade e a individualidade de estudantes e jovens, as PJs insistiram no processo de educação na fé como valor inegociável de transformação de vidas e contra a alienação e junto das dimensões integrais chegou-se a preocupação na integralidade, por consequência os cuidados com a saúde mental e as competências socioemocionais que hoje a BNCC orienta como fator dialético nos processos de ensino-aprendizagem.

A pandemia da COVID-19 provocou readaptações comportamentais nas inúmeras esferas de interatividade social e relacional nos diferentes níveis sociais. Educadores, principalmente de décadas de prática de sala de aula se desafiaram a aprender e reaprender recursos oferecidos pelas ferramentas tecnológicas para adaptar processos de ensino-aprendizagem, principalmente no ensino público (claramente carente de dispositivos eletrônicos). As condições ofertadas aos educadores principalmente nos anos de 2020 e 2021 se embasaram na seguinte circunstância: aprendem usar as diversas plataformas digitais que as redes de ensino oferecerem para alcançar estudantes a partir da ontológica frase “busca ativa” de estudantes, independente da rea-

lidade de moradia, social e de dignidade em que estudantes se encontram.

Trazendo de volta a escola pública no sul do estado de São Paulo, é estratificado clamores de estudantes que apresentam comportamentos físicos de dores que afligem a saúde mental. Um dos gritos de socorro é testemunhado quando uma estudante do nono ano do ensino fundamental remete que em 2019 gostava muito de ir à escola, passa 2 anos de pandemia praticamente só em casa, enfrentando medos dos diversos tipos de violência residencial desde a violência verbal até a moral entre outras, tendo como fruto um pânico de vez em quando de permanecer na sala de aula e se isolando no hall de entrada da escola para dissipar o pavor de estar no meio dos colegas de sala. O mais doído é quando entrevistado a estudante via pergunta: como surge o pânico e ansiedade, e de resposta acompanhada com um rosto de semblante de socorro ouve-se um não sei praticamente com a mão estendida clamando um me ajude porque este assunto é doloroso.

“A segunda trilha nos motiva a olhar nossa relação com as pessoas que fazem parte de nossa vida: família, amigos/as, grupos de jovens, escola, trabalho. Em cada um desses espaços, convivemos com diferentes pessoas que nos ajudam a crescer, superar limites e criar laços. Nazaré também nos inspira nesta trilha. Vemos como Jesus se relacionava com as pessoas e como suas atitudes nos inspiram hoje a criar relações mais humanas e fraternas.

Somos convidados a valorizar a diversidade e aprender a acolher as pessoas, reconhecendo e no afeto, crescemos mutuamente.” (Rede Brasileira de Institutos de Juventude, 2009, p. 09)

Não se pode olhar sem empatia para os estudantes e suas dores emocionais, pois a saúde mental é exigente e os educadores, principalmente nas escolas públicas, estão sem apoio e nem formação adequa-

da perante estas exigências pós-pandêmicas.

Não há respostas e nem receitas de bolo para esta batalha, ao contrário, pede-se muita ajuda para quem é referência neste assunto de acontecimentos super atuais. Como assessoria, mesmo que cada assessor tem seu processo de amadurecimento pessoal, aqui ao menos não indicamos os caminhos e trilhas que podem atrapalhar, com o desejo de buscar direções assertivas e acertadas.

Na caminhada de tentar descobrir lado a lado como emergir e respirar perante os mares das tensões em que a pandemia jogou-nos para o fundo dos medos, das ansiedades, dos pânicos, das fobias e afins, acelerando as inquietudes emocionais, retoma-se o paradigma da reflexão do oprimido e do opressor que podem estar consumindo o mesmo sujeito e personagem. O exercício de se ler e compreender saindo de si para uma melhor ótica é desnudado por Freire (1987), para enveredar estas situações de saúde mental auxiliando quem tem isso em desequilíbrio:

“Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõe a si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu ‘posto no cosmo’, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao se instalarem na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problemas a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas.” (Freire, 1987, p. 29)

Depois desta introdução da importância que o descobrir-se e saber-se é inegociável inclusive para perceber ou tentar entender as origens dos desequilíbrios emocionais, numa metodologia incessante de encontrar respostas de dentro de si próprio, Freire (1987) abre os olhos para uma visão mais nítida sobre opressor e oprimido:

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser

menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de cria-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para liberar a ambos. Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua ‘generosidade’ continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A ‘ordem’ social injusta é a fonte geradora, permanente, desta ‘generosidade’ que se nutre da morte, do desalento e da miséria.” (Freire, 1987, p. 30 e 31)

É claro que se deve se embrenhar de estratégias para reinserir estudantes como protagonistas nesta terceira década do século XXI, pisando este chão latino, na labuta missionária da edificação do Reino de Deus e celebrar frutos da boa terra, da boa colheita, a cem, sessenta e trinta por um (Mt; 13, 8). A educomunicação precisa persistir e abusar do espaço democrático das redes sociais e plataformas de vídeos grátis para alcançar e engajar estudantes para um sonho que não se pode sonhar só. Ainda na primeira década do século XXI as Pastorais da Juventude do Brasil (2008) fazem a provocação da ideia da educomunicação como ferramenta pedagógica de apoio e reverberação do que se faz de melhor:

“Essa nova área, surgida na Universidade de São Paulo,

que conta com curso de pós-graduação, é direcionada ou a profissionais de Comunicação que se preocupam com a Educação ou a educadores que refletem sobre a influência da mídia na formação especialmente dos jovens para o exercício da cidadania’.

Muitos projetos e iniciativas tem sido desenvolvidos nessa linha, em que jovens se utilizam dos meios de comunicação para sua educação.” (Pastorais da Juventude do Brasil, 2008, p. 58)

Uma das palavras mais bonitas que aprendemos com a teia latina de juventude é ‘fascinar-se”. Tão bela que não há outro verbete que represente este momento de estar ao lado daqueles jovens e educadores que se encontram nesta fase cinzenta do desequilíbrio emocional e o CELAM (2013) elucida tão ternamente:

“Deixar-se fascinar pela pessoa do jovem, descobrir seu rosto e seu mundo, e sair ao seu encontro. A dinâmica missionária leva a sair do próprio lugar para olhar e deixar-se encantar pelos adolescentes e jovens, reconhecendo sua força, suas possibilidades e tudo o que eles podem revelar-nos de Deus.” (CELAM, 2013, p. 201)

Alinhavando todos estes pensamentos, a educação, quando refletida para se arremessar como educação libertadora, precisa vestir-se de coragem de se jogar no átrio dos desequilíbrios emocionais que desmoronam a saúde mental de estudantes jovens e aí auxiliar nos sagrados projetos de vida estudantis, humanizando opressores e oprimidos servindo de sementes e ventre para aquela sociedade tão sonhada que teimamos de chamá-la de civilização do amor, o Reino de Deus.

REFERÊNCIAS

ACAYABA, C., MACHADO, L. SP tem a maior proporção de mortes de crianças e adolescentes cometidas por policiais no país; 44%

forma mortos pela polícia em 2020, diz estudo. G1. São Paulo. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/10/22/sp-tem-a-maior-proporcao-de-mortes-de-criancas-e-adolescentes-cometidas-por-policiais-no-pais-44percent-foram-mortos-pela-policia-em-2020-diz-estudo.ghtml>>. Acesso em: 26 de junho de 2022.

BNCC. Competências socioemocionais como fator de proteção à saúde mental e ao bullying. Ministério da Educação. Brasil. BNCC. Implementação. Brasília, 2019. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/195-competencias-socioemocionais-como-fator-de-protecao-a-saude-mental-e-ao-bullying>>. Acesso em: 27 de junho de 2022.

Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). Civilização do Amor – Projeto e Missão. Edições CNBB. Brasília, 2013.

CORSINI, I., ROCHA, R. Desemprego no Brasil diminui e se aproxima de patamar pré-pandemia, diz Ipea. Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada apontam que melhora no indicador foi puxada pelos mais jovens. CNN Brasil. Business. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/desemprego-no-brasil-diminui-e-se-aproxima-de-patamar-pre-pandemia-diz-ipea/>>. Acesso em: 26 de junho de 2022.

EFAPE Paulo Renato Costa Souza. CONVIVA SP: O Programa. Secretaria de Educação do Estado de SP. São Paulo. Disponível em: <<https://efape.educacao.sp.gov.br/convivasp/>>. Acesso em: 26 de junho de 2022.

Freire, P. Pedagogia do oprimido. Paz e Terra, 17^a ed. Rio de Janeiro, 1987.

GIOVANAZ, D., STROPASOLAS P. Brasil com fome: pandemia e desmonte do Estado agravam drama dos trabalhadores. Com desemprego e preços dos alimentos nas alturas, necessidades da popu-

lação são cada vez mais básicas. Brasil de Fato. Direitos Humanos. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/08/11/brasil-com-fome-pandemia-e-desmonte-do-estado-agravam-drama-dos-trabalhadores>>. Acesso em: 26 de junho de 2022.

LIBÓRIO, D. Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade – Diferenças e convergências. Canal do Ensino. Guia de Educação. Brasil: 2018. Disponível em: <<https://canaldoensino.com.br/blog/multidisciplinaridade-interdisciplinaridade-e-transdisciplinaridade-diferencas-e-convergencias>>. Acesso em: 26 de junho de 2022.

LOPES, L. Pesquisa do IBGE revela que 4,1 milhões de estudantes da rede pública não tem acesso à internet. Brasil 61. Educação | Internet. Brasília, 2021. Disponível em: <<https://brasil61.com/noticias/pesquisa-do-ibge-revela-que-4-1-milhoes-de-estudantes-da-rede-publica-nao-tem-acesso-a-internet-bras214687>>. Acesso em: 26 de junho de 2022.

MAIA, R., COELHO, L. Para entidades, governo fracassou em enfrentar impactos da pandemia na educação. Milhões de estudantes tiveram pouco ou nenhum acesso à escola em 2020. CNN Brasil. Nacional. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/para-entidades-governo-fracassou-em-enfrentar-impactos-da-pandemia-na-educacao/>>. Acesso em: 26 de junho de 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Folha informativa sobre COVID-19. Washington, 2021. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em 26 de junho de 2022.

Pastorais da Juventude do Brasil. Juventude e os Meios de Comunicação. Dia Nacional da Juventude 2008. CCJ – Centro de Capacitação da Juventude. São Paulo, 2008.

Pastoral da Juventude do Meio Popular. Aos Quatros Ventos. Cadernos do Meio Popular. N° 03. Natal, 2002.

Pastoral da Juventude Nacional. Pastoral da Juventude: um jeito de ser e fazer. CCJ – Centro da Capacitação da Juventude. São Paulo,

2009.

PJ, PJR, PJE, PJMP, Rede Brasileira de Institutos de Juventude e Trilha Cidadã. Semana do/a Estudante 2009. Juventude e Violência. Brasília, 2009. Disponível em: <<https://pjespsul1.wixsite.com/pjespsul1/semana-do-estudante>>. Acesso: 26 de junho de 2022.

PJE do Brasil. Semana do Estudante 2006. A minha escola tem gente de verdade. Organização: Pastoral da Juventude Estudantil e Pastorais da Juventude do Brasil. Brasília e Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<https://pjespsul1.wixsite.com/pjespsul1/semana-do-estudante>>. Acesso em: 26 de junho de 2022.

PJE. Marco Referencial da Pastoral da Juventude Estudantil. Nossa Vida, Nossos Sonhos. Porto Alegre, 2005.

PJR do Brasil. Princípios Orientativos. Pastoral da Juventude Rural do Brasil. Passo Fundo, 2002.

Rede Brasileira de Institutos de Juventude. Como cuidar da pessoa no grupo de jovens. CCJ – Centro de Capacitação da Juventude. 1. ed. São Paulo, 2008. Coleção na trilha do grupo de jovens.

REINACH, S. A violência contra crianças e adolescentes na pandemia: análise do perfil das vítimas. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Brasil, 2021. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/13-a-violencia-contra-criancas-e-adolescentes-na-pandemia-analise-do-perfil-das-vitimas.pdf>>. Acesso em: 26 de junho de 2022.

SALDAÑA, P. Milton Ribeiro vai à TV defender volta às aulas apesar de omissão do MEC na pandemia. Em pronunciamento, ministro pressiona estados e municípios pela decisão de retorno presencial. Folha de São Paulo. UOL. Educação. Brasília, 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/07/milton-ribeiro-vai-a-tv-defender-volta-as-aulas-apesar-de-omissao-do-mec-na-pandemia.shtml>>. Acesso em: 26 de junho de 2022.

EIXO 05 - NÃO DÁ PARA ENCANTAR A POLÍTICA, SEM UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA.

ACOLHIDA

Refrão de chegada: É muito gostoso, esse nosso aconchego, esse nosso chamego, essa nossa vontade de ser feliz.

ANIMADOR/A: Reunidos, peçamos a presença e as luzes da Divina Ruah, o Espírito de Deus, que no batismo nos tornou membros da Igreja, comunidade de fé.

Refrão de invocação do Espírito Santo: Ó luz do Senhor, que vem sobre a terra, inunda meu ser, permanece em nós.

ANIMADOR/A: Nós jovens somos vistos como a esperança do mundo, sinais de vida. Em um mundo de desesperança, repleto de morte, devemos ser sinais do Deus da vida, do Deus libertador. Viver nossa juventude sendo sinais do amor de Deus. Viver nossa juventude ajudando a construir a Civilização do Amor.

TODOS: Ajudai-nos, Senhor, a sermos sinais do teu amor e a construirmos Tua Civilização do Amor.

CONVERSANDO SOBRE O TEMA

LEITOR 1. Paulo Freire nos ensina que a Educação Libertadora, tem por princípio a certeza de que a educação é um ato político, de construção do conhecimento e de criação de uma sociedade mais ética, mais justa, mais humana e mais solidária. Em nosso país, encaramos inúmeras dificuldades diariamente para que os governantes se comprometam de fato com a educação, e assim, soframos a consequência de um ensino bancário, aonde os educandos tem perdido a

possibilidade de dialogar com a sua realidade e assim, incidirem para sua transformação.

LEITOR 2. Encantar a Política é um ato contínuo de Educação Libertadora, é processo que demanda reflexões prolongadas dos desafios de transformar a política, mas principalmente, de construir relações entre os poderes políticos, os direitos e o papel fundamental dos cidadãos na participação do controle social.

LEITOR 3. O projeto “Encantar a Política” é motivado pelo desafiador panorama político-social e econômico que passa o Brasil e se inspira no magistério do Papa Francisco. Seus horizontes estão nas exortações apostólicas *Evangelii Gaudium* e *Laudato Si’* e se fundamentam na encíclica *Fratelli Tutti*.

LEITOR 1. O Papa Francisco tem conclamado, em muitas ocasiões, que os fiéis católicos não tenham medo de se inserir na arena política. Isso já o fez nos primeiros meses de seu ministério como Bispo de Roma. De maneira especial, na sala Paulo VI, no dia 13 de agosto de 2012, ele afirmou: “Para o cristão é uma obrigação envolver-se na política... devemos envolver na política, pois a política é uma das formas mais altas de caridade, por que busca o bem comum... a política está suja, por quê? Não será porque os cristãos se envolveram na política sem o espírito do Evangelho?”.

LEITOR 2. Mais recentemente, na *Fratelli Tutti*, o papa dedicou um capítulo todo sobre o que ele chama “boa política”. Assim, Francisco entende que as cristãs e os cristãos devem se envolver com a política! No entanto, devem fazer a “boa política”, no espírito do Evangelho. Não qualquer política! Fazer política no espírito do Evangelho significa colocar o bem, a vida e o amor como centro e, não, os interesses próprios ou valores que atentem contra a vida e a caridade.

de política, por sua vez, segundo o papa, coloca como centro de sua ação a pessoa dos empobrecidos e defende os seus direitos a uma vida digna. Defende também a vida do planeta Terra, nossa “Casa Comum”, como bem disse na *Laudato Si’*. No espírito do Evangelho, ainda se insere que a vida de todas as pessoas seja digna e haja a fraternidade, a solidariedade, a não violência, a justiça social, a destinação universal do bem comum e a distribuição das riquezas.

LEITOR 3. Historicamente, a Igreja do Brasil tem dado importante contribuição aos momentos eleitorais. Tem feito posicionamentos claros em defesa da democracia, do estado de direito e contra a corrupção. Promoveu e participou de movimentos importantes como a incidência na Assembleia Nacional Constituinte, a iniciativa popular de combate à corrupção eleitoral (Lei 9.840/99, Comitês Populares e a Iniciativa Popular para Lei da Ficha Limpa).

LEITOR 1. O projeto “Encantar a Política” é a continuidade de um trabalho que começou com as eleições de 2020. Naquele ano, um grupo de instituições propôs um material de reflexão. Devido ao êxito do mesmo, continuou com um projeto mais amplo em 2022 que quer ser um projeto de formação permanente. Após um processo amplo de construção participativa e de trazer novas parcerias e apoiadores, o CEFEP, o CNLB e a CBJP apresentaram o “Encantar a Política” aos conselhos da CNBB. O projeto foi amplamente acolhido e apoiado.

LEITOR 2. Como nos alerta o Papa Francisco, não podemos nos omitir. Neste momento, em que aumenta o empobrecimento do nosso povo, seus direitos sociais são retirados e a democracia é ameaçada, é preciso tomar posição. A posição dos cristãos está indicada pelo Evangelho, em Jo 10,10 “Eu vim para que todos tenham vida e a

tenham em abundância”. Os que mais têm suas vidas ameaçadas são os pobres. É em favor dos pobres que a Igreja e os cristãos se posicionam.

VÍDEO: Ao final de nosso texto convidamos a cada um para assistir o vídeo

MANIFESTAÇÃO sobre nossa atual realidade.

<https://www.youtube.com/watch?v=ofHuXukO5y0>

ANIMADOR/A: Vamos conversar um pouco sobre o que ouvimos. Refletimos neste nosso encontro a vocação e a missão dos cristãos leigos e leigas no serviço da vida e da esperança.

- O que significa para mim uma educação Libertadora que leva a encantar a política?
- O que a opção preferencial pelos pobres indica para ação política de cada um de nós?
- Como a juventude pode ajudar a fazer uma boa política na atual realidade? Como?

Canto de resposta

O Deus que me criou me quis, me consagrou, para anunciar o seu amor. Eu sou como a chuva em terra seca, pra saciar, fazer brotar. Eu vivo para amar e pra servir!

É missão de todos nós, Deus chama, eu quero ouvir a sua voz! (2x)

O Deus que me criou me quis, me consagrou, para anunciar o seu amor. Eu sou como a flor por sobre o muro, eu tenho mel, sabor do céu. Eu vivo pra amar e pra servir.

A PALAVRA DE DEUS ILUMINA NOSSA VIDA.

ANIMADOR/A: O exemplo de serviço foi dado a nós pelo Mestre Jesus. Antes de dizer o que os discípulos deveriam fazer, Jesus o fez, como exemplo. Escutemos atentamente o que Deus nos falará:

Aclamação Tua palavra é luz do meu caminho! Luz do meu caminho, meu Deus, tua Palavra é! (4X)

LEITOR/A: Evangelho de Jesus Cristo segundo João (Jo 13, 12-20)

MOMENTO DE SILÊNCIO PARTILHA

(O animador incentiva os jovens a fazerem a partilha do texto bíblico. Quais sentimentos despertou? O que diz nos disse o texto?)

Refrão de Reflexão

Senhor que a tua palavra, transforme a nossa vida, queremos caminhar com retidão na tua luz. (Bis)

ORAÇÃO E BENÇÃO PRECES

(o animador orienta para preces espontâneas)

Resposta: Ouvi o grito, que sai do chão, dos oprimidos em oração!

ANIMADOR: Senhor Deus, pelas águas do batismo fomos marcados com o sinal de teu amor. Confirme em nós, nossa missão de transformar o mundo e nos dê firmeza em nossa profecia. Por Cristo, nosso irmão e Senhor. - Amém.

Pai nosso, Ave Maria e Glória ao Pai...

ANIMADOR: O Senhor te abençoe e te guarde O Senhor te mostre

sua face e tenha misericórdia de ti. O Senhor volte para ti seu rosto e te dê a Paz O Senhor te abençoe

CANTO FINAL

Se é prá ir pra luta – eu vou!

Se é prá tá presente – eu tô!

Pois na vida da gente o que vale é o amor.

É que a gente junto vai, reacender estrelas, vai. Replantar nosso sonho em cada coração. Enquanto não chegar o dia, enquanto persiste a agonia, a gente ensaia o baião! Lauê, lauê, lauê, lauê.

É que a gente junto vai reabrindo caminhos, vai. Alargando a avenida, pra festa geral. Enquanto não chega a vitória, a gente refaz a história, pra o que há de ser, afinal! Lauê, lauê, lauê, lauê.

É que a gente junto vai, vai prá rua de novo, vai, levantar a bandeira do sonho maior. Enquanto eles mandam, não importa, a gente vai abrindo a porta, quem vai rir depois, ri melhor! Lauê, lauê, lauê, lauê.

Esse amor tão bonito vai, vai gerar nova vida, vai cicatrizar feridas, fecundar a paz. Enquanto governa a maldade, a gente canta a liberdade, o amor não se rende jamais! Lauê, lauê, lauê, lauê.

CONTATOS

PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR - PJMP

Site: www.pjmp.org.br

E-mail: pjmpsecretaria@gmail.com

PASTORAL DA JUVENTUDE - PJ

Site: www.pj.org.br

E-mail: secretarianacional@pj.org.br

PASTORAL DA JUVENTUDE ESTUDANTIL - PJE

Site: www.pjebr.org

E-mail: pjebrasil@gmail.com

PASTORAL DA JUVENTUDE RURAL - PJR

Site: www.pjrbrasil.org

E-mail: secretariapjrbrasil@gmail.com www.pjebr.org

Educação libertadora como potência para a decolonialidade.

Iluminação Bíblica: Fala com sabedoria e ensina
com amor (Pr 31,26)

